

SANTOS CARTUSIANOS

Resenhas biográficas



Cartuxa N. Sra. Medianeira – 2021

Santos Cartusianos

Desenho da pasta:

Cristo Jesus no meio de santos e santas filhos de São Bruno. Gravura tirada do Missal Cartusiano editado em 1883, do artista lionês, Antoine Sublet (1821-1897).

APRESENTAÇÃO

Para compreendermos a importância de manter sempre viva a lembrança dos Santos e Bem-aventurados da nossa Ordem, nada melhor que trazer à memória as palavras do Concílio Vaticano II sobre a importância do *Ano Litúrgico* na vida cristã. Na constituição sobre a Sagrada Liturgia, lemos:

“A Santa Mãe Igreja julga seu dever celebrar em certos dias no decurso do ano, com piedosa recordação, a obra salvífica de seu divino Esposo. Em cada semana, no dia que ela chamou *Domingo* (do Senhor), comemora a Ressurreição do Senhor, celebrando-a uma vez também, na solenidade máxima da Páscoa, juntamente com sua sagrada Paixão.

No decorrer do ano, revela todo o Mistério de Cristo, desde a Encarnação e Natividade até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor” (SC,102).

E, pouco depois, acrescenta:

“Nesta celebração anual dos mistérios de Cristo, a Santa Igreja venera com especial amor a Bem-aventurada Mãe de Deus Maria, que por um vínculo indissolúvel está unida à obra salvífica de seu Filho; nela admira e exalta o mais excelente fruto da Redenção e a contempla com alegria como uma puríssima imagem daquilo que ela mesma anseia e espera ser” (Id.103).

Após feito referência a Cristo e sua Mãe, o citado documento continua:

“No decorrer do ano a Igreja inseriu ainda as memórias dos Mártires e dos outros Santos, que, conduzidos à perfeição pela multiforme graça de Deus e recompensados com a salvação

eterna, cantam nos céus o perfeito louvor de Deus e intercedem em nosso favor. Pois nos natalícios dos Santos [a Igreja] prega o mistério pascal vivido pelos Santos que com Cristo sofreram e foram glorificados e propõe seu exemplo aos fiéis, para que atraia por Cristo todos ao Pai e por seus méritos impetre os benefícios de Deus” (*Id.*,104).

Junto com estas preciosas reflexões dogmáticas, o mesmo Concílio pedia:

“O Ano Litúrgico seja assim revisto que, observadas ou restituídas as tradições e normas dos sagrados tempos, conforme as condições de nossa época, se conserve a sua índole original, a fim de alimentar devidamente a piedade dos fiéis nas celebrações dos mistérios da Redenção cristã, principalmente pelo mistério pascal” (*Id.*107).

E dizia pouco depois:

“As festas dos Santos proclamam as maravilhas de Cristo operadas em Seus servos e mostram aos fiéis os exemplos oportunos a serem imitados. Mas isso tudo – continua o Concílio – procurando: Que as festas dos Santos não prevaleçam sobre as que recordam os mistérios da salvação. Muitas destas festas sejam deixadas à celebração de alguma igreja particular, nação ou família religiosa, estendendo-se somente à Igreja toda aquela que comemoram os Santos que manifestam de fato importância universal” (*Id.*,111).

Enfim, este é o caso das festas particulares das Casas de nossas famílias monásticas. Quer dizer, por uma parte, nos documentos conciliares, a Igreja pedia implicitamente à nossa Ordem que se aprofundasse no *Mistério de Cristo* – celebrado através do *Ano Litúrgico* –, reconhecendo a legitimidade de comemarmos aqueles nossos irmãos, Santos e Bem-aventurados, que nos encorajam mais de perto a uma

configuração com Cristo por meio da “escondida senda cartusiana”. Por outro, pedia que revisássemos nosso *Santorale*, a fim de que as festas dos Santos “não prevaleçam sobre os mistérios da salvação”.

No ano 1971, o Capítulo Geral apresentou um primeiro Calendário renovado segundo essas diretivas. Contudo, fazendo eco dos novos documentos pontifícios, a Ordem aprovou, primeiramente, uma nova revisão do dito Calendário no Capítulo Geral de 2003; mais tarde, no de 2017, foi modificado com alguns acréscimos, entre os quais destacava o reunir em umas festas gerais os santos e mártires Cartusianos, até que uma vez apresentado à Santa Sé, em 30 de setembro de 2019 foi definitivamente aprovado pela Sé Apostólica.

No Calendário definitivo, entrou uma nova categoria de celebração litúrgica, a das memórias facultativas, de modo que fica à liberdade de cada Casa poder celebrá-las. Além disso, foi enriquecido com alguns santos modernos da Igreja Universal, tais como Santa Teresa Benedita da Cruz, São Maximiliano Kolbe, São Pio de Pietrelcina etc.

Também ficou em relevo nele a unidade da Ordem Cartusiana, de modo que os monges e monjas, que formamos o grupo militante, nos unimos em celebrar os do grupo já *triumfante* e comemorar os do *paciente*; é o que se sucede nas celebrações do mês de novembro: no dia 13, festa de *Todos os Santos e Santas Cartusianos*, a seguir no dia 14 com a *Comemoração de nossos Irmãos e Irmãs Defuntos*. Contudo, conservou-se em outros dias diferentes as comemorações singulares dos irmãos cujo culto oficial está reconhecido pela Igreja, umas vezes como *festas obrigatórias* de 12 ou 3 Leituras, outras como *memórias facultativas*.

Por meio das resenhas biográficas que a continuação vamos colocar, desejamos reavivar a *comunhão no amor* para com os 35 irmãos e irmãs beatificados ou canonizados, acrescentando em apêndice a lembrança de nossa irmã Margarida de Oingt, de culto imemorial, que o Papa Bento XVI não hesitou em chama-la de “Santa” numa de suas catequese semanais em 2011.¹

Junto com as referências biográficas destes santos que colocamos aqui, acrescentamos também uma reflexão sobre a comemoração litúrgica sobre os irmãos defuntos da nossa Ordem e os de nosso cemitério, assim como a festa da *Dedicação da igreja desta Cartuxa* – celebração esta das pedras vivas que formamos nossa *ecclesia cartusiana* formada por nossa Comunidade –, de modo que o conjunto destas celebrações nos fazem festejar a *communio* que, em Cristo Jesus, temos os filhos de São Bruno com o Pai, no Espírito Santo, para louvor da glória da Santíssima Trindade.

A esse conjunto temos somado duas meditações a respeito das festas de nosso Padroeiro, São João Batista: a de seu Nascimento e a de seu Martírio, pois, na solidão, ele é para nós um exemplo de vida inesgotável.

Pela intercessão da mediação materna da *Mãe singular dos Cartuxos* (*Estatutos Cartusiano* 34,2) e a intercessão de nossos

¹ Dito Papa fez-se assim testemunha do *culto imemorial* tributado a Margarida, mas dentro duma justa prudência, pois só a denominou “Santa” uma só vez, na última, ou conclusiva, dentre catorze referências feitas, ficando claro que seu culto público ainda não foi reconhecido com uma canonização. A diocese de Grenoble e nossa Ordem elevaram um pedido à Santa Sé para confirmar seu dito culto em 1840, mas até hoje não se pronunciou; é por isso que as palavras de Bento XVI são importantes para perpetuar a fama de santidade de Margarida.

irmãos e irmãs, pedimos a Deus que estas pequenas biografias nos sirvam de estímulo para procurar perseverantemente aquela *quies* cartusiana que N. P. São Bruno nos deixou em herança, e que fazia resplandecer n'ele a virtude que lhe distinguia de modo singular: a de ser um homem de *ânimo sereno*,² que é a vivência pessoal da Bondade divina; é daquela *hesyquía* e *apáthéia*, tão procuradas pelos Padres do Deserto:³ *A Paz que o mundo ignora e o gozo no Espírito Santo* que Cristo deixou a seus discípulos (cf. Jo 14,27).

² Referimo-nos aqui ao retrato espiritual de nosso pai que fizeram os irmãos de Calábria após seu falecimento: “Bruno mereceu o louvor por muitas coisas, mas, sobretudo por uma: Foi um homem de *ânimo sereno* (*æqualis vitæ*), notável nisto. Sempre de rosto alegre, e a palavra modesta. Juntava à autoridade de um pai a ternura de uma mãe. Jamais foi encontrado altaneiro, mas, qual manso cordeiro. Foi nesta vida, o verdadeiro israelita” (*Elogio Fúnebre*, começo; cf.: *Palavras de monges Cartuxos*. Edipucrs. Porto Alegre, 2004, p.59).

³ A tradução destes termos gregos do monacato antigo é sempre difícil; nós seguimos o critério do especialista na matéria, Dom Garcia Colombás OSB, no seu livro: *El Monacato Primitivo* (BAC 588). Madri 1998. *Apáthéia* equivale a “tranquilidade”, “repouso, paz contemplativa”. Como este vocábulo distintivo do monacato egípcio, utilizado por Evágrio Póntico, foi algo criticado, João Cassiano verte o seu significado para o Ocidente com um termo mais evangélico, o de *puritas cordis* (pp. 649; 653-56), utilizado mesmo por N. P. São Bruno no começo da sua carta aos irmãos de Chartreuse dando-lhes os parabéns por seu zelo em adquirir a *pureza de coração*. Outras vezes, o abade de Marselha parafraseia a palavra *apáthéia* com estes termos: *immobilis tranquillitas animi* (p.653), que fazem lembrar a virtude essencial de Mestre Bruno, a de sua *igualdade de ânimo* da qual nos fala o *Elogio Fúnebre* citado na nota anterior.

No referente ao termo *hesyquía*, Dom Colombás o traduz ao latim como: *quies, pax, tranquillitas, silentium...* (p. 692), e isso na sua dupla vertente externa e espiritual (*Id.*). O mesmo investigador faz uma ótima

Santos Cartusianos

Os textos biográficos que colocamos a seguir provém, principalmente, da excelente obra intitulada: *Prontuário Litúrgico Cartusiano. 2ª parte, Santoral* (Scala Cœli, 1989) do Pe. Dom Isidoro Estudillo, que tomou como fontes principais as seguintes: *Biografias selectas cartujanas*, do Pe. Dom José M^a Jábega (†2008) e o *Commentaire de Montalègre*, escrito nessa Cartuxa por Dom Fortunat Oudin (†1923).

De nossa parte só colocamos ao dia os dados fornecidos e o acima dito. Que a leitura da vida destes irmãos e irmãs bem-aventurados nos estimulem a caminhar após o Senhor pelo Deserto, ajudados pelos seus exemplos e orações.

*Cartuxa Nossa Senhora Medianeira,
na festa de Todos os Santos e Santas Cartusianos.
13 de maio de 2021.*



síntese da mútua relação que tem entre si os vocábulos *apáthéia*, *amerimnia* (carência de cuidados temporais) e *anapausis* (repouso, descanso), que às vezes é sinônimo também de “pureza” (p.693).

Sobre este mesmo tema da *hesyquia* e da *apáthéia* em relação ao ideal herdado de nossos padres, pode-se consultar a documentada obra de Emanuel Matos da Silva, *Solidão. Silêncio e Presença em S. Bruno* (Coimbra, 2000. Págs. 186-190; 132-135).

3 de janeiro

BEATO AIRALDO DE MAURIENNE

Monge e Pastor

Memoria facultativa

O jovem Airaldo ingressou na Cartuxa de Portes na época de seu primeiro Prior, o venerável Bernardo, que foi quem com Humberto de São Sulpício, Milon de Maiorévi, e a todos os irmãos que com eles serviam a Deus, solicitou ao quinto sucessor de São Bruno em Chartreuse, Guigo I, os *Costumes Cartusianos*, por volta de 1121-27, a fim de viver nos seus Mosteiros o gênero de vida iniciado por Mestre Bruno e seus seis companheiros.

Airaldo tinha laços familiares com grandes personalidades da época, tanto no âmbito civil quanto eclesiástico, tais como o Papa Calisto II; o Conde de Portugal, D. Henrique (pai de D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal) e o Conde de Borgonha.

Sob a direção do seu Prior, tornou-se um monge exemplar em todas as virtudes, em especial na humildade e pobreza, como reação ao seu ilustre nascimento e às grandes riquezas que tinha no mundo. Recebeu de Deus o dom de uma especial amabilidade e benevolência para com todos. Essa santidade de vida foi causa de que, poucos anos depois da sua profissão, fosse escolhido para Bispo da igreja Maurienense, na Saboia francesa.

Cumpriu com todo o zelo pastoral o ofício de Bispo, sendo ajudado na sua missão com o dom de fazer milagres. Daí que todos o considerassem como o "anjo" que Deus lhes tinha enviado para a salvação.

Mesmo sendo Bispo, guardou filialmente os costumes da nossa Ordem e gostava de se retirar à amada solidão de Portes sempre que o seu ministério episcopal lhe permitia.

Não se sabe ao certo a data da sua morte. Só sabemos que morreu nos braços do seu antigo padre Prior por volta de 1138 ou, segundo outros, 1146.

Na sua diocese, recebeu culto logo após sua morte, culto imemorial que foi aprovado pela Igreja por um Decreto de Pio IX em 23 de dezembro de 1862. Uma Ordenação estabeleceu a sua festa no dia 2 de janeiro e com rito de 12 leituras. Com a primeira revisão litúrgica após o Concílio Vaticano II, sua festa foi reduzida à categoria de 3 leituras e trasladada para o 3 de janeiro, mas no Calendário de 2019 ficou como *memória facultativa*, contudo a Cartuxa de Portes, solicitou e lhe foi concedido celebrá-la com rito de 3 leituras.

Como esta lembrança do Bem-aventurado Airaldo é a primeira que temos dos Santos da nossa família monástica no *ano novo*, aproveitemos a ocasião para invocarmos a sua proteção, a fim de que durante todo o ano vivamos na procura da *quies* de nossa vocação, *paz da alma* que nos reclama a renúncia aos atrativos do mundo, à perfeita caridade e ao serviço ao Senhor com alegria. Sem uma verdadeira renúncia às vaidades do mundo, não alcançaremos a perfeição no amor. E este amor, quando verdadeiro, impulsiona-nos para entregar alegremente toda a nossa vida ao serviço d'Aquele que nos criou e chamou ao Seu serviço no Deserto. Na nossa solidão, tenhamos para com todos os remidos um amor efetivo e afetivo como o de Jesus, universal e ilimitado, servicial e alegre. Só assim é que poderemos cantar sempre, com toda a verdade, no meio da Comunidade de solitários à qual nos chamou o Senhor: “Oh, como é bom e agradável viverem os

Santos Cartusianos

irmãos em harmonia [...] O Senhor derrama ali a sua bênção, a vida para todo o sempre” (Sl 132, 1 e 3).

Oração:

Dignastes-Vos, Senhor, chamar o Bem-aventurado Airaldo à vida monástica e a sua vida nos ensina a amar-Vos. Concedei-nos que, a seu exemplo, renunciemos aos atrativos do mundo para alcançarmos o Reino dos Céus.

Por Jesus Cristo, nosso Senhor



Bem-aventurado Airaldo.

Cartuxa de Serra San Bruno.

14 de janeiro

BEATO ODÃO DE NOVARA

Monge

Memoria facultativa

Os documentos cartusianos proporcionam-nos os seguintes dados sobre o Bem-aventurado Odão: nasceu em Novara, no Piemonte (Itália) e entrou na Cartuxa de Casseto. Pouco depois foi nomeado Prior da Cartuxa de Gírio (Áustria). Durante uma viagem, hospedou-se, por ter adoecido, no mosteiro de Trisulti (Itália). A estadia foi ocasião para que sua santidade de vida fosse conhecida naquela região, e de que uma abadessa, sobrinha do Papa Clemente III, o solicitasse a seu tio para confessor e capelão de seu mosteiro, mesmo sem serem cartuxas, de São Cosme e São Damião, junto ao lago Fucino (Itália). Odão era quase nonagenário, mas, obediente ao Papa, lá ficou como capelão e vivendo como eremita fora do mosteiro. Foi ali que morreu, em torno de 14 de janeiro de 1200, com aproximadamente cem anos. No dia anterior, mandou chamar os clérigos vizinhos e, depois de uma breve exortação, disse-lhes: "Amanhã, nesta mesma hora, eu morrerei. Peço-vos, em nome de Deus, que não me façais nenhuma honra mundana, senão que me sepulteis com este mesmo hábito e que só coloqueis uma cruz de madeira sobre a minha cova".

No dia seguinte, na hora indicada, exclamou: "Esperai-me, Senhor, eis que venho a Vós". E acrescentou: "Já vejo o meu Rei! Já estou na Sua presença!" Erguendo-se sobre o leito e estendendo as mãos, entregou o seu espírito.

Quando foi colocado na cova, os ossos dum outro defunto que tinha sido inumado no mesmo lugar afastaram-se para um

lado e deixaram o lugar livre para o corpo virginal do santo monge. Quarenta anos mais tarde, o mesmo corpo foi encontrado incorrupto e exalando um delicado aroma; ao contato do mesmo, vários doentes ficaram curados.

Estes prodígios aumentaram de tal modo que, em 1240, o soberano Pontífice mandou proceder ao exame da vida e dos milagres do monge taumaturgo, a fim de inscrevê-lo no catálogo dos Santos; era o papa Gregório IX (1227-1241). Contudo, foi apenas em 1859 que se expediu o Decreto da Santa Sé autorizando o seu culto como Beato. Este monge cartuxo é tido como padroeiro e patrono dos nossos Vigários de monjas e dos Coadjuutores, encarregados pela Ordem para velar pelo bem espiritual das nossas irmãs em Cristo, que são chamadas também a viver a mesma vocação que os monges. No Calendário Cartusiano de 2019 sua festa ficou confirmada no dia 14 de janeiro como *memória facultativa*, mas a Cartuxa de Pleterje, solicitou celebrá-la com rito de 3 leituras.

O Bem-aventurado Odão apresenta-nos, na sua vida cartusiana, tão longa quanto cheia de méritos, o caminho seguro para o nosso peregrinar até Deus: a humildade, a solidão, a obediência, a pureza e a caridade. Ignoramos se a nossa vida será tão longa como a sua: o que importa é procurarmos por todos os meios proporcionados pelos Estatutos, como por uma escola no divino serviço, que os nossos dias sejam cheios de amor a Deus e ao próximo, mediante o fiel cumprimento da vontade de Deus. Não é o muito viver o que santifica muito, mas sim o muito amor a Deus com que vivemos os dias de nossa vida e todas as nossas ocupações.

Peçamos a Deus, pela intercessão do Bem-aventurado Odão, com a oração litúrgica anterior do servo de Deus, a

Santos Cartusianos

perseverança no longo caminho da fé, a conversão de vida para buscarmos o único necessário, e a sabedoria para aproveitar o manjar eucarístico como sustento de nossa caminhada pelo deserto.

Oração:

**Dai-nos, Senhor, a graça de tender em espírito para a vossa visão na glória, a fim de que, perseverando no longo caminho da fé, resplandeça finalmente sobre nós a luz da vossa Face no Céu.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.**



Bem-aventurado Odão de Novara.

Por Vicente Carducho (1624-32).

4 de fevereiro

BEATO LANUINO

Monge

Memoria facultativa

O antigo Calendário da Calábria anunciava assim a festa do Bem-aventurado Lanuíno: "Bruno e Lanuíno, amados, gloriosos e virtuosos na vida, não foram separados também na morte". Aludia-se, com isso, à amizade que uniu Davi e Jónatas (cf. II Sam 1,23).

Com essas palavras, queria-se deixar à posteridade o testemunho da união de corações entre o Pai fundador e o seu dedicado filho; união que, mesmo depois da morte, persevera, visto estarem as relíquias de ambos em um mesmo relicário.

Lanuínio era, segundo a tradição, de origem normanda; coisa fácil de compreender se temos por conta a grande afluência de normandos para a península Itálica na época de N. P. S. Bruno e a importância que aí tiveram.

Quando conheceu Lanuíno o nosso Pai fundador? Não se sabe com certeza; talvez tenha sido na mesma Itália, quando nosso Pai estava ao serviço direto do Papa. Seja o que for, o certo é que, conhecido São Bruno por Lanuíno, escolheu-o por pai, amou-o como tal, e nunca mais quis separar-se dele. Até a morte do Fundador esteve ao seu serviço, em íntima colaboração de afeto e ajuda. Os Anais dizem de Lanuíno que "era um homem de consumada prudência e muito instruído, e que foi um dos que ficaram na Itália com outros poucos, em companhia de São Bruno" (*l.c.t.l.*, pág.60). São Bruno correspondia a esse afeto filial: vemo-lo pelo fato de tê-lo escolhido por imediato e universal colaborador na fundação da nova "Cartuxa" na Calábria, onde foi realmente não apenas

o seu braço direito, mas quase que o cofundador do mosteiro, e assim o consideravam os outros monges.

Era Lanuíno um homem de Deus dado à oração; daí nascia o seu caráter alegre e empreendedor pela glória de Deus. Até a morte de Bruno, embora este fosse o Superior e pai de todos os moradores daquele deserto, o Beato Lanuíno foi o Prior da casa de São Estevão, estabelecida para aqueles monges que, por causa da sua idade ou saúde, não podiam seguir em tudo as observâncias mais rígidas vividas no Mosteiro ou Ermo de Santa Maria, onde residia nosso Pai São Bruno.

Logo após a morte deste, Lanuíno foi eleito como Superior de todos pelo sufrágio unânime dos seus irmãos: 30 monges no eremitério de Santa Maria e 20 monges conversos no mosteiro de São Estevão. Era esta a família que São Bruno deixava na Calábria em 1101.

Lanuíno foi muito estimado pelo Papa Pascal II, que inteirado da sua eleição como sucessor de Bruno, escreveu-lhe significando a sua alegria e encorajando-o no exercício do seu novo *múnus*, exortava-o a seguir as pegadas do seu pai e fundador: "Esteja em ti, diz-lhe, o mesmo espírito daquele homem, o mesmo rigor da disciplina eremítica, a mesma constância e observância dos costumes. Da nossa parte, toda a autoridade e toda a atenção que mereceu desta Sé Apostólica a pessoal sabedoria e piedade do Mestre Bruno, a concedemos a ti, contanto que te anime o seu mesmo espírito. Queremos que, na próxima Quaresma, venhas visitar-nos para tratarmos, de viva-voz, coisas íntimas do coração" (*Anais*, t.1, pág.154).

De fato, o Beato Lanuíno seguiu fielmente os passos do seu pai e Mestre Bruno; praticou e fez praticar naquele deserto as virtudes cujo gérmen tinha lançado o Fundador. Fiel imitador da sua bondade paternal teve para com todos a mais

paternal doçura no trato e a mais caridosa entrega aos filhos. Bastam somente estas palavras dos seus contemporâneos: "Ninguém se afastava dele senão contente e alegre" (*Efemerides*, t. I, pág. 447). E da sua prudência, perícia e delicadeza no trato dos assuntos mais singulares, basta-nos saber que a confiança do Papa era tal que lhe confiou diversas e delicadíssimas missões.

Em 1114, Lanuíno fundou, com a licença do Papa, um terceiro mosteiro ou Casa no mesmo deserto calabrês, sob o título de São Tiago, e com o especial destino de ser a casa em que os noviços deveriam ser formados; logo passariam para as Casas já existentes. O mesmo papa Pascal II concedeu-lhe o privilégio de poder receber noviços e dar a profissão sem necessidade de pedir licença ao Bispo da diocese, segundo o costume.

Pascal II ficou tão compraz e agradecido às missões e aos serviços prestados por Lanuíno que lhe escreveu felicitando-o por isso, e nomeando-o Visitador dos mosteiros daquela região. Dizia-lhe, entre outras coisas: "A santidade, sinceridade e o zelo religioso de que nos destes provas na reforma dos mosteiros e igrejas obrigam-nos poderosamente a te estimar e movem-nos a elevar fervorosas ações de graças a Deus Todo-poderoso. Portanto, alegrando-nos com a tua piedade e confiando plenamente no teu fervor, filho amantíssimo, exortamos-te e obrigamos-te a tomar o cuidado dos mosteiros da nossa jurisdição que estão na tua vizinhança..." E, como esta, temos outras provas da especial benevolência do Sumo Pontífice, que o chama não só "filho amantíssimo", mas também "irmão". O Beato Lanuíno viveu todo o tempo do seu priorado no mesmo mosteiro que tinha ocupado N. P. S. Bruno, o Ermo de Santa Maria, do qual só

saía obrigado pela obediência ao Papa. Costumava dizer que as ocupações exteriores eram para ele penosa penitência, enquanto que a solidão lhe permitia "experimentar como o Senhor é bom e suave para os que O amam". O fervor da sua vida era um eficaz estímulo para os seus súditos, alguns dos quais quiseram ir além dos limites da devida prudência, gerando alguns conflitos. Foi por isso que o Papa lhes aconselhava: "Não queirais presumir de jejuns e de orações. Procurai, antes de tudo, Deus, que é caridade. O Deus da paz e do amor permaneça sempre convosco" (*Anais*, t. I, pág.153).

Cheio de méritos e virtudes, morreu aos 11 de abril de 1120, deixando uma grande reputação de santidade, a qual os milagres posteriores encarregaram-se de confirmar. O seu corpo foi depositado no mesmo sepulcro de São Bruno. Desse modo, pai e filho, que tão unidos tinham estado em vida pelo vínculo da caridade, permaneceram também unidos depois da morte, com as mesmas vicissitudes de trasladações, etc.

Em 1893, Leão XIII confirmava um Decreto da Sagrada Congregação de Ritos em que se aprovava o culto imemorial rendido ao Bem-aventurado Lanuino. No mesmo Decreto, determinava-se o dia 11 de abril para a sua festa em toda a Ordem. No dia 17 de novembro, uma Ordenação do Rve. Pe. Dom Miguel Gablin determinava que fossem cumpridos os Decretos da Santa Sé a partir do 11 de abril do ano seguinte. Enfim, a Sagrada Congregação de Indulgências deu um rescripto em 1897, concedendo uma Indulgência Plenária para o dia da festa do Bem-aventurado Lanuino.

A Cartuxa de Calábria, da qual foi cofundador e segundo Prior, solicitou do Capítulo Geral de 2007 que se celebrasse a sua festa no dia 4 de fevereiro e no Calendário Cartusiano aprovado pela Santa Sé em 2019 sua festa ficou nessa data

como *memória facultativa*, contudo, a Cartuxa calabresa obteve celebrá-la com rito de 12 leituras.

É desnecessário dizer que a presente festa deve ser ótima ocasião para pedir a Deus, pela intercessão do Bem-aventurado Lanuíno, um verdadeiro amor a nossa vocação contemplativa, uma alta estima pela vida de oração que essa reclama e um genuíno espírito de caridade fraterna, que nos faça viver unidos aos nossos superiores e irmãos, num só coração e numa só alma. Só assim é que seremos verdadeiros adoradores de Deus e alcançaremos os espaços infinitos do amor (*Pós-comunhão*).

Oração:

Ó Deus, Vós fizestes do Bem-aventurado Lanuíno o companheiro do nosso Pai São Bruno na solidão. Concedei-nos, pelos méritos de ambos, a graça de podermos alcançar a glória eterna do Céu. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

**Bem-aventurado
Lanuínio.**

*Cartuxa de
Serra San Bruno.*



22 de abril

SANTO HUGO DE GRENOBLE

Pastor

12 Leituras.

Santo Hugo, embora não fosse cartuxo pela "Profissão", o foi de coração. Mais ainda, pode-se dizer que, se São Bruno foi o "Fundador" da nossa Ordem, o bispo Hugo foi o "Cofundador" e o "Protetor", personificação da Divina providência para com a nova família religiosa que nascia na Igreja. Nasceu em Chateauneuf, no ano de 1053, perto de Valence, no Delfinado. Concluídos os estudos, foi nomeado cônego-mor da sé de Valence, tornando-se já para todos modelo de integridade e dignidade. Foi então que conheceu a Hugo de Die, Legado do Papa no Sínodo de 1079, e que o escolheu como acompanhante no Sínodo de Avignon. Durante o mesmo, os cônegos de Grenoble solicitaram ao Cardeal Legado para que lhes nomeasse como Bispo Santo Hugo, já que havia falecido o seu prelado. Todos aprovaram a proposta, e nosso Santo, apesar das suas vivas recusas e resistências, viu-se obrigado a aceitar o episcopado. Tinha apenas 27 anos.

O mesmo Legado do Papa lhe conferiu todas as ordens, incluindo o presbiterado, deixando a ordenação episcopal para o Sumo Pontífice Gregório VII. Era o ano de 1079.

Hugo entregou-se por completo à sua missão de pastor, procurando por todos os meios a santificação de sua diocese que, pela incúria e abandono do seu predecessor, estava num mísero e deplorável estado de relaxamento, sobretudo nos costumes. Depois de ter realizado esforços inauditos e de uma vida de penitência e oração, pensou que talvez obteria maiores

benefícios para as suas ovelhas entregue à oração e contemplação na observância da vida monástica, e que se santificaria mais nesse estado. Foi para isso que se retirou ao mosteiro cluniacense de *Chaise-Dieu*. Passado um ano, o Papa, informado do retiro do Bispo, ordenou-lhe que voltasse para junto do rebanho que lhe foi confiado pelo Senhor, repreendendo-o por se ter retirado da sua diocese sem a licença pontifícia. Obediente voltou para Grenoble e prosseguiu a tarefa empreendida com maior fervor e renovados desejos da santificação de todos.

Passados três anos, nos relatará Guigo, que Hugo teve um sonho: “Deus nessa solidão [do deserto de Chartreuse] se construía uma mansão, e que sete estrelas lhe dirigiam o caminho. Também estes eram sete. Por isso, não só de eles, senão dos que lhes sucederam, acolheu gostoso seus projetos, e até a sua morte favoreceu sempre aos moradores de Chartreuse com conselhos e benefícios”.⁴

Poucos dias depois, se lhe apresentaram Mestre Bruno de Reims e mais seis companheiros, solicitando dele um lugar retirado nas montanhas do Definhado, a fim de lá se entregarem à oração e penitência, longe do mundo. Santo Hugo compreendeu o sonho das sete estrelas a partir da providência de Deus, e ele próprio acompanhou os sete petionários ao lugar determinado. A partir de então, o Santo proporcionou-lhes toda a ajuda possível para poder viver os solitários naquele inóspito lugar. Um estreito laço uniu-o aos solitários desde o primeiro dia, gostando de se retirar ao novo ermo para ficar com eles na oração e penitência. E era tal a

⁴ *Vita S. Hugonis* III,11: ML 153,770s.

assiduidade que São Bruno tinha, por vezes, que o mandar para a sua grei e tarefa pastoral: "Ite ad oves", dizia-lhe.

Contudo, se ele não pôde ficar para sempre com os seus solitários, teve a grande alegria de ver o seu pai, Odílio, abraçar a vida solitária aos 80 anos, após exercer a carreira das armas, e ainda permaneceu no serviço de Deus os últimos 18 anos de sua vida.

Após a partida de São Bruno para Itália, Santo Hugo foi o pai providente e protetor da Comunidade de Delfinado. Tinha 57 anos quando Guigo foi nomeado Prior. Se as relações de Hugo com Bruno tinham o caráter filial-paternal, por ser Bruno bastante mais velho que Hugo, as havidas entre Hugo e Guigo invertem os termos: Guigo tinha somente 26 anos quando foi chamado ao Priorado, e Hugo, com 57, estava cheio de experiência. Daí que, como o mesmo Guigo confessa, foi para ele como um pai providente e amantíssimo. E será pela sua ordem que escreverá os "Costumes de Chartreuse".

Em 1095, Santo Hugo foi visitar São Bruno no deserto da Calábria, onde morava, e permaneceu com ele durante quase dois anos, retido por uma doença. Retornando a Grenoble, prosseguiu a sua vida de oração e penitência, sempre atento às necessidades dos cartuxos; sentindo ao vivo a responsabilidade de proteger a solidão e o retiro destes, empregou todos os meios postos ao seu alcance, sem excluir a excomunhão para os transgressores da clausura.

Desejando sempre ver-se livre das suas obrigações episcopais, suplicou a sua exoneração ao papa Honório II e mais tarde a Inocência II, mas só alcançou deste último o favor de ter um bispo auxiliar, em atenção às suas enfermidades. Escolheu para esse *múnus* um cartuxo que,

depois da morte de Santo Hugo, seria o seu sucessor na Sé Gracienopolitana com o nome de Hugo II. Em 1132, agravaram-se as doenças do Santo, vindo a morrer na meia-noite da Sexta-Feira Santa, dia 1º de abril daquele mesmo ano.

Na hora da sua morte, como na sua enfermidade, esteve assistido pelos cartuxos, que também o velaram até o sepulcro.

Dois anos mais tarde e à vista dos milagres e portentos que Deus realizava pela sua intercessão, o papa Inocência II, durante o Concílio de Pisa, canonizou-o aos 22 de abril de 1134.

Foi então que pediu a Dom Guigo que escrevesse a vida e os milagres do novo Santo. Dom Guigo escreveu, com efeito, a vida de Santo Hugo, mas ignoramos se escreveu também a segunda parte; ao menos, não chegou até nós.

Nossos pais celebraram logo a sua festa com 12 leituras que, mais tarde, passou a ser de Capítulo e, finalmente, voltou à primeira categoria de 12 leituras.

A presente festa recorda vários ensinamentos para nossa vida: a providência de Deus, que fez de Santo Hugo o instrumento visível do cuidado da Igreja pela vida contemplativa que nascia na Cartuxa; ocasião propícia para lhe suplicar nova ajuda para progredirmos na mesma vocação (*oração Coleta*); lembrando a sua profunda veneração e amor para com o Santo Sacrifício, a oração sobre as *oferendas* faz-nos pedir um "coração puro" para imitar Santo Hugo no serviço do altar (1.c.); enfim, na última oração, suplicamos sermos transformado em imagem de Cristo, cujo Espírito e amor enchiam o coração de Santo Hugo para o serviço à Igreja (1.c.).

Oração:

Ó Deus, que fizestes de Santo Hugo o instrumento da vossa providência para manifestar aos nossos primeiros pais o interesse da Igreja pela vida contemplativa, dignai-Vos, por sua intervenção, dar-nos a força de progredir em nossa vocação. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.



Santo Hugo de Grenoble contempla num sonho como “Deus nessa solidão [do deserto de Chartreuse] se construía uma mansão, e que sete estrelas lhe dirigiam o caminho”.

Pintura de Santo Hugo com São Bruno e seus seis companheiros do irmão Frei Juan Sánchez Cotán (†1627).

4 de maio

**SANTOS JOÃO, AGOSTINHO, ROBERTO E
COMPANHEIROS**

Mártires e Monges

12 Leituras.

Estes nossos irmãos Cartuxos são gloriosos na nossa Ordem e na Igreja, não apenas pela observância das nossas regras monásticas, através das quais viveram a vida contemplativa, mas também pelo sacrifício da sua vida terrena, heroicamente aceita para permanecerem fiéis à sua fé e unidos ao Vigário de Cristo. Eis um breve resumo dos acontecimentos que lhes mereceram a palma do martírio:

Pelos anos de 1523, o rei Henrique VIII da Inglaterra começou a sentir uma desordenada paixão por Ana Bolena, dama da corte. Para levar a cabo os seus desígnios, pretendeu anular o seu matrimônio com Catarina de Aragão, filha dos Reis Católicos da Espanha, alegando que era sua cunhada e que a dispensa dada pelo Papa Júlio II era inválida; por consequência, solicitava do Papa uma declaração de invalidez.

Era o ano 1527. Contra o que o Rei pretendia, o Papa declarou ser válida a dispensa dada e válido o seu matrimônio com Catarina. Mal aconselhado por ministros perversos e por indignos Bispos, Henrique VIII negou a obediência ao Papa, constituindo-se soberano temporal e "Chefe espiritual" da Igreja na Inglaterra, em fevereiro de 1531. Em abril de 1533, é publicamente legitimada a sua ilícita união com Ana Bolena e repudiada Catarina de Aragão. O Papa Clemente VII excomunga Henrique VIII que, furioso, rompe totalmente com a Igreja e inicia uma sangrenta perseguição.

Em 1534, o Rei exige que todos os seus súditos aceitem sob juramento a sua supremacia como Cabeça da Igreja na Inglaterra e o seu matrimônio com Bolena, bem como sua sucessão. Para receberem esse juramento, os emissários do Rei apresentaram-se na Cartuxa; perante a negativa, os Piores João, Agostinho e Roberto foram encarcerados e condenados à morte, executados no dia 4 de maio de 1535. Enforcados e esquartejados, as suas cabeças foram fervidas em água e, junto com outros membros do corpo, colocados em diversas partes da cidade. Um braço do Prior João foi pendurado na porta da Cartuxa, para infundir medo aos seus filhos.

Em 19 de junho do mesmo ano, o Pe. Vigário, Hurnfred Midlerome, o Pe. Procurador, Guilherme Exmew e o monge Dom Sebastião Newdigate, de nobre família e educado no paço real, receberam a pena capital, depois de vários dias de prisão na Torre de Londres. Fizeram com os seus cadáveres o mesmo que haviam feito com os anteriores.

Os outros monges das Comunidades cartusianas, depois de serem maltratados pelos enviados do Rei, ou foram enviados ao cárcere, ou foram dispersos.

Aos 11 de maio de 1537, receberam a mesma pena e classe de morte os padres João Rochester e Dom Tiago Walworth, professores da Cartuxa de Londres, morrendo em York.

Neste mesmo ano, morreram na prisão de Newgate os seguintes monges professores da Cartuxa de Londres:

no dia 6 de junho, Guilherme Greenwood, converso;

no dia 8 de junho, João Davi, diácono;

no dia 9 de junho, Roberto Salt, converso;

no dia 10 de junho, Gautier Pierson, converso;

no dia 10 de junho, Pe. Tomé Scriven;

no dia 15 de junho, Tomás Green, converso;

no dia 16 de junho, Tomé Reding, converso;

no dia 19 de agosto, Pe. Ricardo Beer;

no dia 20 de setembro, Pe. Tomás Jonson.

Colocado também na prisão o Ir. Guilherme Horn, sobreviveu, no cárcere até o dia 4 de agosto de 1540.

Os cartuxos martirizados sob o Henrique VIII foram, ao total, 18: 12 padres e 6 irmãos conversos, beatificados por Leão XIII em 9 de dezembro de 1886. Graças às diligências feitas pelos PP. Jesuítas nos processos de canonização, juntamente com outros mártires da época, aos 25 de outubro de 1970, o Papa Paulo VI canonizou os três padres Piores: João Houghton, prior de Londres, Agostinho Webster, prior de Axholme e Roberto Lawrence, prior de Beuval.

Não esqueçamos, porém, que a graça do martírio é um dom do Céu e que o melhor modo de nos tornarmos dignos dessa graça é viver fielmente na generosidade no amor, nos pequenos e por vezes insignificantes sacrifícios e renúncias que nos apresentam o dia-a-dia de nossa vocação.

No Calendário Cartusiano aprovado pela Santa Sé em 2019, sua comemoração ficou com rito de 12 leituras, mas foi-lhe concedido à Cartuxa de Parkminster fazê-lo como solenidade.

Se hoje, pois, celebramos a festa desses irmãos que deram sua vida por Cristo, não ignoremos que houve outros, formados na mesma escola e alimentados na mesma mesa, que não foram capazes de imitá-los, deixando-se levar, por enganos, falsos conselhos e ameaças, a prestar o juramento ao rei, embora com certas cláusulas, para tranquilizar em vão a sua consciência. Tremendo mistério!

Contudo, fixemos os olhos de nosso espírito nos nossos mártires, meditemos com frequência no seu exemplo e,

contemplando a glória que a sua fidelidade lhes proporcionou, apliquemo-nos as palavras do ancião Tobias: "Somos filhos de santos, e esperamos aquela mesma vida que Deus há de dar àqueles que nunca mudam a sua fé n'Ele" (Tob 2,18). As orações da missa contemplam o motivo do seu martírio e fazem-nos pedir, pela sua intercessão, estas graças:

- permanecermos firmemente unidos à sé de Pedro, para servirmos a Deus com segurança (*Coleta*);
- festejar com alegria a festa dos que receberam a coroa do martírio, porque unidos na mesma fé e no mesmo amor no coração da Igreja, Mãe (*Oração Sobre as oferendas*);
- que perseveremos sempre em união na fé e na caridade, tal como os nossos mártires, que viveram unidos no amor fraterno durante toda a vida (*Oração Pós-comunhão*).

Oração:

**Consagrastes, Senhor, pelo martírio, a fidelidade de São João e seus companheiros ao Sumo Pontífice. Concedei-nos que, ao seu exemplo, permaneçamos solidamente unidos à Sé de Pedro, para assim Vos servirmos com toda a segurança.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.**

**Martírio dos Santos
João, Agostinho,
Roberto e companheiros.**

Por Vicente Carducho
(1624-32).



10 de maio

BEATO NICOLAU ALBERGATI

Monge e Pastor.

Memória facultativa

O Bem-aventurado Nicolau Albergati nasceu em Bolonha, em 1375, no seio de uma família de antigos juristas. Também ele, seguindo a tradição familiar, estudou Direito em sua cidade, adquirindo o grau de Doutor.

Numa ocasião em que foi visitar a Cartuxa de Bolonha, viu-se obrigado a pernoitar nela, por causa de uma grande tormenta. Solicitou licença para assistir ao Ofício noturno e ficou tão bem impressionado com o recolhimento e modéstia dos monges que pediu para ser admitido entre eles.

Tinha 20 anos quando ingressou na Ordem Cartusiana, e viveu a sua vocação com total generosidade. Professou em 1396 e foi ordenado sacerdote em 1404. Catorze anos mais tarde foi enviado, com mais outros monges, para a fundação da Cartuxa de Mântua. Pouco tempo mais tarde, foi nomeado Prior da Cartuxa de Bolonha. Quando levava 22 anos de vida monástica teve de aceitar, por decisão do Reverendo Padre, o cargo de Arcebispo de sua cidade, dedicando-se de corpo e alma na reforma da Diocese e na santificação do seu rebanho. Trabalhou, igualmente, pela unidade da Igreja, dividida pelo Grande Cisma, tal como pela unidade da Ordem, ferida também pela mesma razão.

Em 1426, o papa Martinho V nomeou-o Cardeal da Santa Igreja romana com o título da igreja da Santa Cruz de Jerusalém, obrigando-o sob preceito de santa obediência aceitar a sagrada púrpura. Com isso o Papa queria agradecer e recompensar de algum modo os serviços prestados pelo Beato

Nicolau à Santa Igreja, em numerosas legações para que foi incumbido, perante os reis da França, Alemanha e Inglaterra e outros príncipes.

Além disso, presidiu o Concílio de Bâle. Presidiu também o de Basileia, onde defendeu a supremacia do Pontífice sobre o Concílio. Traslado o Concílio a Florença, foi incumbido pelo Papa de sua abertura. Se Martinho V honrou muito nosso Nicolau, não o fez menos o seu sucessor, Eugênio IV (143-1449), a quem prestou numerosos serviços. Foi chamado o "Anjo da paz" pelos seus diocesanos, mas o título converteu-se logo em "Cardeal da paz", pela sua ação pacificadora em toda a Europa.

Estando em Sena, acompanhando o Papa, recebeu a visita do Pe. Prior da Cartuxa de Florença. Foi providencial: sentindo que o mal de pedra, que vinha sofrendo havia 12 anos, se agravava, entregou o seu corpo ao Prior, suplicando-lhe que lhe desse sepultura em sua Cartuxa: "Se durante tanto tempo vivi como cartuxo, quero, ao menos, ser enterrado como tal e entre os meus irmãos". Morreu, pois, em pleno serviço à Santa Igreja aos 9 de maio de 1443. Foi sepultado na Cartuxa de Florença, onde ainda se conservam os seus restos mortais.

Nicolau mostrou-se, em todos os ofícios em que a Divina Providência o colocou, como perfeito monge e seguidor de Cristo: humilde, manso, prudente, simples, amante da paz e, sobretudo, perfeito obediente. A obediência foi como que o motor da sua existência e atividade, quer na vida monástica, quer como Pastor, bem como no serviço aos Papas.

Foi beatificado por Bento XIV que, como ele, havia sido Arcebispo de Bolonha. O mesmo Papa incluiu o seu nome no

Martirologio Romano, onde apenas são inscritos os "Santos" a partir do dia da sua canonização.

No Calendário Cartusiano de 2019, sua festa retornou a ser celebrada no dia 10 de maio, seu *dies natalis*, como no antigo Calendário da Ordem, agora como *memória facultativa*.

As orações da Missa fazem-nos contemplar e suplicar as virtudes que caracterizaram a vida do nosso Bem-aventurado Nicolau; assim, imploramos a simplicidade, que lhe permitiu ser fiel ao *propositum cartusiense* (*Coleta*), à quietude cartusiana que São Bruno deixou em herança a seus filhos, mesmo no meio das suas ocupações pastorais; a paz e a unidade com todos, para podermos com ela converter os nossos inimigos (*sobre as oferendas e pós-comunhão*).

Oração:

Concedei-nos, Senhor, a grande simplicidade que permitiu ao Bem-aventurado Nicolau permanecer fiel a seu ideal cartusiano no meio de todos os trabalhos do seu cargo. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.



Beato Nicolau Albergati.
Zurbarán (1640).

24 de maio

BEATO GUILHERME DE FENOL

Monge

12 Leituras.

Nasceu este Bem-aventurado no Piemonte (Itália). Entrou na Cartuxa de Cassotto, perto do Marquesado de Monferrato, diocese de Alba, não muito longe do lugar do seu nascimento, Valsorda. Ignora-se a data exata de seu nascimento, mas se sabe que foi pelos meados do Século XII.

Ainda muito novo, ao que parece com 16 anos, retirou-se para um lugar solitário para dedicar-se a Deus, seguindo as pegadas de outros solitários que também adentraram no deserto ainda muito novos: São Paulo, Santo Antão, São Bento, etc. Uma vez lá, o inimigo moveu uma mulher perversa para derrubar o servo de Deus de tão angélico modo de viver. Mas Guilherme, posto em Deus toda a sua confiança, saiu triunfante dos enganos do diabo.

Depois da tentação sofrida, pensou que seria melhor para ele viver com mais segurança com outros solitários. Talvez sentir-se-ia movido a isso, pelo fato de ter ouvido dizer que naquela região os Cartuxos tinham estabelecido uma Casa num lugar solitário, para viverem nele só para Deus: era a Cartuxa de Cassottos ou das Casinhas. Parece que nesse lugar viveu toda a sua vida; por isso era tão conhecido na redondeza.

Deus mostrou a predileção que tinha para com esta alma pura e simples castigando o perverso intento daqueles homens contra a castidade de Guilherme mediante uma série de violentas e contínuas tormentas (durante 30 dias seguidos), as quais semearam o pavor e espanto entre todos os moradores

daquela região. Estes, atribuindo esse flagelo a um castigo do Céu, vieram suplicar ao santo solitário para que intercedesse por eles e obtivesse o seu perdão. Deus ouviu as orações do seu servo e cessou o flagelo. Os habitantes da comarca vieram agradecidos e ofereceram à Comunidade os bosques próximos ao seu eremitério. E nesse lugar viveu o nosso santo Irmão todos os dias de sua vida, conservando até o fim sua inocência batismal.

Foi muito devoto da Paixão de Jesus Cristo, e a sua alma comovia-se até as lágrimas à vista do Crucificado. Foi o próprio Senhor quem o ilustrou sobre o mistério da Redenção, falando-lhe um dia imediatamente da Cruz. A partir de então, a sua alma ficou cheia de doçura e amor, ao mesmo tempo em que o seu espírito ficava crucificado com Cristo e participava nos sofrimentos de Jesus. Essa contemplação dos mistérios dolorosos alimentou a sua piedade, cimentou o seu amor e foi a causa do seu crescimento na união com Deus e na santidade.

Entre todas as virtudes que praticou, ficou em relevo a sua humilde e fiel obediência até alcançar nela uma virtude heroica que nos faz lembrar os Padres do Deserto. O Bem-aventurado Guilherme configurou-se profundamente com Cristo crucificado, sendo honrado por Deus com milagres já em vida. Dormiu-se no seu amado Senhor no dia 19 de dezembro de 1205.

O seu corpo foi inumado no cemitério da Casa inferior. Ora, como o povo conhecia a santidade do servo de Deus, não cessou sua devoção após a morte; todos procuravam o seu sepulcro a fim de implorar intercessão. Como essas peregrinações perturbassem o silêncio e solidão próprios da Cartuxa, tiraram o corpo e colocaram-no num sepulcro do cemitério da Casa Superior, numa cova nova, pois o corpo

estava incorrupto. Mas Deus mostrou que queria que o seu servo fosse venerado pelo povo, pois o corpo voltou ao primeiro lugar por si só e por duas vezes. E foi assim que o culto do nosso Beato Guilherme se estendeu logo por aquelas comarcas e vizinhanças, sendo conhecido como o “Santo de Cassotto”. Três séculos depois, o corpo continuava ainda incorrupto.

A Cartuxa de Cassotto sofreu várias translações de lugar, por causa das perturbações dos tempos. Foi reconstruída em 1592 e em 1770, mas por pouco tempo: em 1802, foi suprimida pelo poder civil. Posteriormente, foi totalmente demolida pelos revolucionários. Através destas múltiplas vicissitudes, perdeu-se a memória do lugar onde repousava o corpo do Bem-aventurado Guilherme, e todas as diligências feitas para encontrá-lo no século XIX resultaram inúteis.

O seu culto público foi reconhecido e autorizado pela Igreja mediante um Decreto da então Sagrada Congregação dos Ritos, em 1862. O Capítulo Geral seguinte estabeleceu a sua festa na Ordem como de 12 leituras, para o dia 19 de dezembro. Depois de algumas mudanças de data, o Capítulo Geral de 2003 fixou a sua festa para 24 de maio, a fim de seguir mais de perto as normas da renovação litúrgica do Concílio, procurando deixar o tempo de Advento o mais livre possível de celebrações especiais. Desde modo, o Calendário Cartusiano aprovado pela Santa Sé em 2019 confirmou sua festa em 24 de maio, que tinha sido a data em que o decreto da Sé Apostólica de 1862 permitiu inscrever este Bem-aventurado em nosso calendário.

A vida deste santo irmão traz-nos, a cada ano, uma lição de vida cartusiana. E esta lição pode ser resumida nas palavras com que o Postulador da Causa de sua Beatificação pedia a

aprovação oficial de seu culto: “Se a virtude eminentemente praticada é admirável quando se junta a uma ciência surpreendente, essa mesma virtude possui um especial encanto maior ainda quando vai acompanhada do candor, da ingenuidade e da simplicidade da alma. E esta simplicidade deve ser tida como a suprema sabedoria, sobretudo entre aqueles que foram chamados a viver na vida oculta e solitária do claustro, não para ensinar, mas para amar; não para reger os povos, mas para lhes darem exemplo de obediência. Estes são, principalmente, aqueles que sabem tornar-se crianças, segundo o preceito evangélico, e que se elevam tanto mais alto, sob o influxo dos dons celestes, quanto mais se humilham e menos brilham pelo esplendor da sua ciência e prudência humanas” (*Comentário de Montalegre*, t. 6, p. 53).

Estas linhas, que são o melhor panegírico do Bto. Guilherme, contêm para nós o melhor convite e a mais segura pista para chegarmos à santidade da vida que professamos. Nada mudou na vocação que ele viveu e que devemos viver nós, hoje. Só é preciso que a nossa alma esteja sempre animada pelo amor que animou a sua existência, e que aceitemos os caminhos da humildade e obediência que ele trilhou. Como diz Nosso Senhor, Deus revela os seus mistérios aos pequenos e simples do mundo (cf. Mt 11,25). Perante nosso Pai, não são as obras ou preeminências de um monge que dão valor à sua vocação, mas sim a fidelidade e o amor puro, humilde e obediente com que se realiza a Sua vontade.

Oração:

Ó Deus, que elevais os humildes, sabemos que servir-Vos é reinar. Concedei-nos que, imitando a simplicidade do bem-aventurado Guilherme, alcancemos o reino prometido aos pequenos. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.



O Beato Guilherme de Fenol junto de São Bruno e os primeiros Irmãos Cartuxos, André e Guarino.

Cartuxa Nossa Senhor Medianeira. Desenho de Leonardo Franco.

24 de junho

NATIVIDADE DE SÃO JOÃO BATISTA

Padroeiro da Ordem Cartusiana

Solenidade.

Junto com os Apóstolos São Pedro e São Paulo, São João Batista gozou sempre na liturgia da Igreja da máxima veneração desde os tempos mais remotos, e é por isso que tem uma festa especial para o dia do seu nascimento na terra, coisa que não é concedida na liturgia a nenhum outro santo, fora da Mãe de Deus. Em honra dos outros santos festeja-se só o seu *nascimento para o Céu*, quer dizer o dia da sua morte na terra. Santo Agostinho diz num sermão aos fiéis: "A Igreja celebra o nascimento de João como acontecimento sagrado: não há nenhum, entre os nossos antepassados, cujo nascimento seja celebrado solenemente" (*Sermão 293,1-3. PL.38,1327*).

Ao celebrar a natividade do Batista, a Igreja comemora tanto sua miraculosa concepção quanto sua santificação – estando ainda no seio de sua mãe – pela presença do Salvador oculto também no seio de Maria Santíssima; e do mesmo modo comemora a sua eleição para ser o Precursor do Messias.

Foi por isso que o seu nascimento causou júbilo a muitos, como fonte da alegria universal que seria, mais tarde, o nascimento de Cristo.

Na Igreja Oriental e na *Galicana* – dependente daquela –, a festa do nascimento do Batista colocou-se perto do dia do Batismo de Cristo, no tempo litúrgico da Epifania. Um papiro do século IV faz-nos saber que, no Egito, celebrava-se uma festa do Precursor no dia 5 de janeiro, véspera da Epifania. O rito bizantino celebra a festa do Precursor no dia 7 do mesmo

mês, coisa que fez em outros ritos orientais. A celebração no dia 24 de junho é um costume nitidamente romano e está calculada sobre o dia do Natal do Senhor.

Com efeito, este devia celebrar-se, segundo o *calendário romano*, no dia oitavo das calendas de janeiro e, por conseguinte, de acordo com São Lucas (1,36), o nascimento do Batista devia colocar-se seis meses antes, ou seja, no dia oitavo das calendas de julho, quer dizer, a 24 de junho. Santo Agostinho, com sua habitual perspicácia, encontra uma razão para justificar a escolha do dia 24 de junho para o nascimento de nosso Santo: "Hoje – escreve – nasceu João e desde hoje diminuem os dias. Cristo nasceu oito dias antes do primeiro de Janeiro; e a partir desse dia crescem os dias" (*Ser.* 287). Com isso está a fazer uma alusão e aplicação ao texto de João, onde o Precursor, referindo-se a Jesus, diz: "Ele deve crescer, eu diminuir" (Jo 3,30).

O fato de o Papa Hilário († 468) ter edificado na basílica de Latrão – a Catedral de Roma – um oratório à memória do Batista foi muito importante para o culto do Precursor e a causa de que, mais tarde, a basílica mesma recebesse o título de *São João de Latrão*.

Como todas as festas importantes, a de São João teve também a sua Vigília preparatória. Sabemos pelo *sacramentário Leonino* que, antes do s. VI existia já uma Vigília para a festa de São João Batista.

Um aspecto da solenidade de São João e da alegria que a sua comemoração causava ao povo cristão foi o costume de acender fogos ou fogueiras por todas as partes, e cuja tradição remonta às primeiras gerações cristãs; com isso se queria aludir de maneira realística às palavras do Senhor a respeito de João: "Ele era a lâmpada que arde e ilumina e vós quisestes

vos alegrar, por um momento, com sua luz" (Jo 5,35). Antigamente, essas fogueiras se alimentavam durante a vigília e o dia da solenidade. Este costume conserva-se ainda hoje em muitas nações cristãs (cf. *J. Pascher, o.c.*, p. 600 s. *M. Righetti. o.c.*, 947ss.).

Como é bem sabido, a Ordem Cartusiana professou desde os seus inícios uma grande veneração ao santo Precursor do Senhor. Foi sob a sua proteção que N. P. São Bruno e seus seis companheiros adentraram-se no deserto de Chartreuse para iniciar a vida solitário-eremítica, "Por volta da festa de São João Batista", em 1084 (cf. Dom Guigo, nos *Costumes e Vida de Sto. Hugo*).

O autor de nossos *Anais*, Dom Le-Coulteux, refere que no mês de março de 1085, o bispo Hugo de Grenoble consagrou a igreja do eremitério de Chartreuse dedicando-a "à Santíssima Virgem e a São João Batista" (*T.I.*, p.33). Esta igreja, depois de muitas restaurações, ainda se conserva sob a advocação de *Nossa Senhora das Celas* – ou de *Casálibus* –, sendo um lugar de suma veneração para todos os cartuxos.

Desde então, pois, o Santo Precursor foi escolhido como especial "padroeiro" e modelo de nossa vida solitária, por ser ele, no Evangelho, o *homem do deserto*, o mais exímio de todos os anacoretas. E essa é a razão pela qual todas as igrejas dos nossos ermos estão dedicadas a ele – junto com a Virgem Maria –, embora o seu nome não se mencione expressamente (cf. *Est Cart* 10,10). Também, na fórmula da nossa consagração monástica invocamos o Precursor (cf. *Est Cart* 10,9; 18,10). Foi Jesus mesmo quem o canonizou solenemente ao dizer: "Entre os nascidos de mulher, ninguém é maior que João Batista" (Mt 11,11).

Por estes simples dados podemos compreender que a sua comemoração entre os cartuxos sempre teve grande importância e foi celebrada com todo afeto, com rito solene, vigília, sermão e, até a renovação litúrgica, com uma oitava.

Na vida do Batista, o cartuxo encontra umas lições de perene atualidade. Com efeito, ele continua a pregar com a linguagem dos exemplos; é o que a Liturgia se encarrega de *re-presentar*. Eis aqui os aspectos mais relevantes de João que ela nos apresenta:

- Fala-nos bem alto da figura do Precursor: o seu amor a Deus, a sua entrega a Cristo, a sua preferência pelo silêncio da solidão, a sua mortificação corporal e a sua *pureza de coração* que, na linguagem de Cassiano, é sinônimo daquela *apátheia* que os Padres do Deserto procurarão mais tarde, e que é aquela *quies* tão inculcada pelos nossos Padres.
- Fala-nos também do seu zelo pela salvação dos homens e da sua compaixão pelos pecadores arrependidos, pelos quais nada poupou.
- Nos fala da sua tarefa última, a de nos mostrar quem era o *Esperado das Nações*: “Eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo” (Jo 1,29).
- Se a missão de João neste mundo foi preparar os corações dos homens do seu tempo para uma frutuosa recepção do Salvador (cf. Lc 1,76), bem podemos pensar que ele continua desde o Céu essa mesma missão: a de ajudar-nos e proteger-nos a todos os que devotamente nos acolhemos a ele, a fim de acolher melhor a Cristo, abatendo para isso as alturas do nosso orgulho e vaidade,

convertendo os nossos altivos corações em humildes vales, onde, nos mesmos, possam germinar as sementes das virtudes *plantadas pela mão do Amado*.

Pelo dito até aqui, vemos como a solenidade do nosso Padroeiro deve ser algo muito caro ao coração de cada monge. Ele foi chamado por São Jerônimo de “príncipe dos anacoretas”; a sua solenidade traz-nos lições de vida de perene atualidade.

Nosso Dionísio *Cartusiano* (†1471) escreve dele que: “Permanecia unido a Deus dia e noite, atento só ao Bem imutável, numa contemplação sincera, num amor sem ocaso, na oração e no louvor. Tal foi a sua vida e felicidade... E Deus, sempre generoso e fonte de toda a bondade e graça, outorgou ao Precursor do seu Filho o esplendor da contemplação, o fervor do divino amor e o vigor duma verdadeira estabilidade interior” (*Op.Om.* t.32, p.194s.). Sejamos, pois, assíduos na oração.

Para resumir todas as virtudes de João em uma principal, digamos que ele estava dominado pela *alegria interior*, a qual se iniciou já no seio materno; essa foi a sua nota singular, segundo a sua própria declaração: *Quem tem a esposa é o Esposo; mas o amigo do Esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do Esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa!* (Jo 3,29). Seria vã a nossa solidão, se lhe faltasse a *alegria interior*, a qual nasce de saber que Cristo, pela fé, habita em nossos corações (cf. Ef 2,17); de nos sabermos Seus *amigos* (cf. Jo 15,15).

Prolonguemos agora, nós, no mundo a vida solitária do nosso celestial Patrono e "pai dos solitários". Deus no-lo conceda pelos seus méritos e súplicas.

Oração:

**Senhor, que enviaste São João Batista a preparar o vosso povo para a vinda do Messias, concedei à vossa família o dom da alegria espiritual e guiai os corações dos fiéis no caminho da salvação e da paz.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.**



**São João Batista e Nossa Senhora, junto com
N. P. S. Bruno**
protegendo aos Cartuxos.
Gravura da escola de Alberto Durero.
1515.

25 de junho

BEATO JOÃO DE ESPANHA

Monge

3 Leituras.

Nasceu numa pequena vila de Espanha, chamada Almonacepe, atual Almansa, embora se ignore qual seja a cidade do Bem-aventurado, visto existirem duas localidades com esse nome, uma na província de León e outra na de Albacete. Seu nascimento ocorreu por volta do ano 1123 e, muito novo, com 13 anos, foi para a França, a fim de realizar os estudos com mais outro condiscípulo da sua vila. Aos 16 anos, entrou na Ordem dos Basilianos, entregando-se a uma vida de fervor, de observância regular e penitência. Isto moveu seu confessor a dizer: “João fará milagres!”.

Tendo ouvido falar da Cartuxa de Montrieux e da vida santa dos seus moradores, sentiu vivos desejos de abraçá-la, julgando-a mais conforme aos movimentos do Espírito que experimentava em si. Solicitou o ingresso nessa Cartuxa e, admitido e passado santamente o seu noviciado, fez a Profissão solene. Tendo falecido o seu Prior, a Comunidade escolheu João para seu novo pastor, em 1147.

Pouco depois, foi incumbido de acomodar os *Costumes* próprio dos monges à vida e aos *Costumes* dum mosteiro de monjas, existente em Prébayon, que desejavam seguir o nosso gênero de vida e pertencer à nossa Ordem. Levou a cabo felizmente a sua obra, cheio de prudência e discricção, de tal modo que os papas Eugênio III e Alexandre III concederam ao mencionado mosteiro de Prébayon a filiação na Ordem Cartusiana, declarando, na Bula da concessão, que as monjas

cartuxas estavam sob a especial proteção da Santa Sé. Foi assim que nasceu o ramo feminino da Família de São Bruno.

Devido aos incômodos e à perseguição que um senhor vizinho fazia à Comunidade e seu Prior – querendo apoderar-se de algumas de suas terras –, o que criava mal-estar entre os monges, o Bem-aventurado João, *pro bono pacis*, deixou de ser Prior e foi morar na Grande Chartreuse.

Estando lá, foi enviado para uma nova fundação, pedida pelo Baron de Faucigny, na Saboia. Considerando esse novo lar como o do seu tranquilo repouso, deu ao novo mosteiro o nome de *Reposoir*, "lugar de descanso". Governou a nova Comunidade durante nove anos e com só 39 de idade foi chamado pelo Senhor para receber a eterna recompensa.

Querendo reparar uma falta involuntária, pois tinha negado a sepultura no cemitério do mosteiro a dois operários que haviam ajudado a construí-lo e falecido longe dali, ordenou, antes de morrer, que o seu cadáver também fosse enterrado fora do mosteiro. Deus, porém, quis premiar a sua santidade e humildade tornando glorioso o seu sepulcro. Com efeito, quem tinha vivido santamente no mosteiro, morto e fora do mesmo, começou a alcançar graças e favores de Deus a quantos acudiam à sua intercessão e visitavam o seu sepulcro; estando este fora da clausura, nada impedia esse concurso dos fiéis. Foi assim que nasceu a sua pública veneração.

Em 1659, as suas relíquias foram colocadas numa Capela do mosteiro. Pio IX, em 1864, aprovou o seu *culto imemorial* e aos 15 de setembro desse ano permitiu a sua festa de 12 leituras para o dia 25 de junho. No Calendário Cartusiano de 2019, sua festa ficou no dia 25 de junho com rito de 3 leituras, mas as Cartuxas femininas o fazem com 12 leituras.

A vida santa deste monge traz-nos sua mensagem fraterna: ele, que teve de desempenhar diversos ofícios, lembra-nos que o carisma vocacional com que Deus nos presenteou deve ser vivido com amor, tal como foi por amor que Deus no-lo deu. Se o amor de Deus chegasse a dominar plenamente toda a nossa existência, até nos seus mínimos detalhes, então a nossa vocação seria vivida em plenitude.

A oração *coleta* lembra a sua especial ajuda às nossas monjas na procura da sua vocação, e pede, para todos os que abraçamos essa vida com alegria, a graça da "caridade perfeita". E, ao orarmos *sobre as oferendas*, voltamos a suplicar a mesma dádiva: "firmeza no amor a quantos professamos os conselhos evangélicos". Enfim, na *Comunhão*, suplicamos novamente esse amor até sermos inflamados no fogo do Espírito Santo, para podermos conseguir a meta dos nossos desejos: a eterna união com o Filho de Deus.

Oração:

Suscitastes, Senhor, o Beato João a ajudar as virgens de Cristo na descoberta da sua vocação: a nós, que abraçamos alegremente a vida monástica, concedei-nos também a graça da caridade perfeita. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

**Bem-aventurado João
de Espanha.**

Cartuxa de Serra San
Bruno



14 de julho

BEATO BONIFÁCIO DE SABÓIA

Monge e Pastor.

Memória facultativa

Foi membro da família de Saboia, com a qual teve muitas relações nosso São Antelmo. Embora fosse considerado como o "príncipe mais realizado do seu tempo", Bonifácio renunciou a tudo para abraçar a humildade da vida cartusiana. Tomou, com efeito, o hábito cartusiano na Grande Cartuxa, mas as suas virtudes, qualidades e dotes fizeram com que a Santa Sé reclamasse os seus serviços numa delicada missão. Para tal efeito, nomeou-o Prior de um mosteiro que não pertencia à nossa Ordem, situado em Mântua, a fim de que resolvesse certos interesses graves que estavam em perigo.

Cumprida essa delicada missão, voltou logo para a sua amada Cartuxa e prosseguiu o seu noviciado. Porém, foi por pouco tempo - uma nova ordem do Papa tirava-o, desta vez para sempre, da sua amada solidão quando o nomeou Bispo de Belley em 1234. Anos mais tarde, foi nomeado Bispo de Valence, no Delfinado, para suceder ao seu falecido irmão Guilherme, bispo dessa diocese. Enfim, em 1243, às instâncias do rei da Inglaterra, Henrique III, cuja esposa Leonor era tia materna de Bonifácio, foi nomeado Arcebispo de Cantorbery. A rainha mostrou-lhe toda a sua confiança nomeando-o regente do reino na ausência de seu filho.

Entregue por completo ao seu *múnus* pastoral, renovou a sua diocese e suprimiu muitos abusos que se tinham introduzido. O Papa serviu-se da sua ascendência sobre reis e príncipes para levar a cabo certas intervenções contra alguns poderosos inimigos da Santa Sé.

Em 1270, por ocasião duma viagem na Saboia, sua pátria, onde reinava então o seu irmão Filipe, sofreu uma forte cólica nefrítica que lhe causou a morte. Esta aconteceu no Castelo de Santa Helena de Mooulard, aos 14 de julho de 1270. Cumprindo sua última vontade, foi sepultado no Mosteiro de Altacomba, fundado pelo seu parente Amadeu III.

Os milagres que Deus fazia pela intervenção do seu servo fizeram com que a sua fama de santidade se estendesse por todas as partes. Três séculos depois da sua morte, o seu cadáver foi encontrado incorrupto e em perfeito estado; numerosos doentes recobram a saúde ao seu contato. Seu nome foi inscrito no *Martirologio* das igrejas da França e no calendário de Ivree.

Em 7 de Setembro de 1838, Gregório XVI, a pedido de Carlos Alberto, rei da Cerdeja, parente de nosso Bem-aventurado, confirmou o culto imemorial de Bonifácio. No ano seguinte, aos 13 de fevereiro, a Sagrada Congregação do Culto estabelecia como 14 de julho o dia próprio para o Beato Bonifácio de Saboia.

A Nossa Ordem alcançou do Beato Pio IX a licença de celebrar a festa do Beato Bonifácio, que na solidão da Cartuxa iniciou o seu caminho na procura exclusiva de Deus. A mencionada licença foi outorgada em 10 de julho de 1859. O dia escolhido foi o 15 de julho e com rito de 3 leituras. No Calendário Cartusiano aprovado pela Santa Sé em 2019, sua comemoração ficou fixada no dia 14 de julho como *memória facultativa*, mas a petição da Cartuxa de Montrieux, foi-lhe permitido celebrá-la ali com rito de 12 leituras.

Mesmo não tendo passado de noviço cartuxo, Bonifácio mostrou um afeto filial para a Cartuxa, vivendo sempre o seu espírito e demonstrando o seu carinho através das numerosas

esmolas e ajudas dispensadas a diversas Cartuxas. É por isso que a Ordem o conta entre os seus Bem-aventurados.

A lembrança do Beato Bonifácio de Saboia proporciona-nos uma boa ocasião para suplicar-lhe que alcance de Deus não só viver fielmente o carisma da nossa vocação, mas também santas e abundantes vocações cartusianas que, seguindo o seu exemplo, se entreguem totalmente a Deus e renunciem a todas as vaidades do mundo, a fim de arder no santo zelo pela glória de Deus e a conversão das almas no silêncio da solidão da nossa vida oculta, como dizia a antiga oração de nosso Bem-aventurado.

Oração:

Ó Deus, que nos mostraste no Bem-aventurado Bonifácio um exemplo de caridade e de zelo pastoral, concedei-nos, por seus méritos, que cooperemos, com a nossa vida oculta, na salvação das almas. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

**Bem-aventurado
Bonifácio de
Saboia.**

Cartuxa de Serra
San Bruno.
Calábria.



26 de junho

SANTO ANTELMO

Monge e Pastor.

12 Leituras.

Este Santo, que teve tanta importância na história da nossa Ordem, nasceu por volta do ano 1107 no Castelo de Signi, na Saboia. Foi nomeado cônego de Belley e Genebra. Aos 29 anos de idade, entrou na Cartuxa de Portes, onde fez o noviciado. Após a desgraça do alude, que destruiu a primeira Cartuxa, Antelmo foi chamado para a Casa Mãe a fim de ajudar na construção do novo mosteiro. Foi ali que fez a sua profissão monástica. Pouco depois foi nomeado Procurador e, passados dois anos, em 1139, foi eleito Prior da Cartuxa, sendo o 62º sucessor de N. P. São Bruno.

Em 1142, foi ele quem presidiu o primeiro Capítulo Geral em que a nossa família monástica começou a ser uma verdadeira "Ordem religiosa", mediante a união de todas as Cartuxas existentes. Com a instituição do Capítulo Geral como autoridade suprema da Cartuxa, os laços de união e vigia do propósito cartusiano foram colocados sob uma mesma observância e obediência. O seu amor pela solidão fez com que pedisse a "misericórdia" do seu cargo. Alcançada esta, voltou para a Cartuxa de Portes, depois de 12 anos de ausência. No ano seguinte, porém, a Comunidade escolheu-o como Prior. Passados mais dois anos no novo priorado, obteve novamente a ansiada misericórdia e voltou para a Grande Cartuxa, mas era aí que lhe esperava a maior cruz da sua vida: foi eleito Bispo de Belley. Embora fugisse do mosteiro logo que teve a notícia, foi-lhe imposto, por obediência, a aceitação do Bispado, tal como era o desejo do Papa.

No seu cargo de pastor, mostrou-se como modelo para todo o seu rebanho. Prestou importantes serviços à Igreja e foi grande a sua intervenção, com São Bernardo, em trabalhar tanto quanto fosse possível, para que se acabasse com o cisma. De fato, foi com a celebração do Concílio de Toulouse que o verdadeiro Papa foi reconhecido e admitido por todos.

Antelmo suportou grandes sofrimentos por parte do Conde da Saboia, que queria apoderar-se de certos bens da Igreja, e a quem teve de impor a pena de excomunhão. Próximo a morrer o Santo, o Conde arrependeu-se e veio solicitar o seu perdão. O Santo absolveu-o e, como penhor da sua benevolência e amor, prometeu-lhe descendência masculina, da qual carecia. Viveu sempre como fiel cartuxo pelo constante recolhimento, a oração e o amor à solidão, que procurava satisfazer retirando-se, de quando em quando, para a Cartuxa.

Durante o seu priorado na Grande Cartuxa, as monjas de Prébayon, originalmente inspiradas na regra de São Cesáreo de Arles, foram admitidas em nossa Ordem. Sendo Prior Antelmo, ele deu o hábito cartusiano ao seu pai, o Conde de Nevers, que, para entrar na Cartuxa, renunciou ao cargo de Regente da França durante a ausência de Luis VII, por ocasião da segunda Cruzada.

Aos seus clérigos, recomendou a prática da caridade e a união dos corações como meios para viver em paz e alcançar a vida eterna. Faleceu em 1178. A *voz do povo* fiel canonizou-o no mesmo dia da sua morte, devido à devoção comum e pelos milagres realizados, que se seguiram em todos os tempos. No período da Revolução Francesa, as suas relíquias foram profanadas, mas não destruídas. Em 1823, foram reconhecidas novamente como autênticas. É o patrono da diocese de Belley. Nossa Ordem venerou sempre a sua

memória; contudo, foi só em 1607 que a sua festa foi imposta como obrigatória em toda a Ordem e com rito de 12 leituras.

Conserva-se a cogula cartusiana de Santo Antelmo como preciosa relíquia. Ela permitiu saber como era o nosso hábito nos primeiros tempos da fundação. As orações da festa focam o desejo ardente que animou sempre o coração do Santo: a paz e a unidade. Assim, na oração do dia suplicamos ao Senhor o dom da unidade, procurando sempre “o único necessário”, a fim de O louvar com “um só coração e uma só voz”. Na segunda, prestamos tributo ao seu trabalho, por conseguir a solidez da nossa Ordem na caridade e união fraterna (*Sobre as oferendas*). Enfim, na oração final da missa pedimos a graça de vivermos na Igreja como os primeiros cristãos: "assíduos à fração do Pão para ter entre nós um só coração e uma só alma".

Que este Santo Reverendo Padre da nossa Ordem nos obtenha, no presente, a graça de sermos fiéis ao nosso propósito, permanecendo todos unidos no amor e na observância cartusiana.



Santo Antelmo,
por Zurbarán (1640)

Oração:

**Ó Deus, que amais a paz
e a unidade, fazei que
por intercessão de Santo
Antelmo procuremos
sempre o único
necessário, para
unanimemente Vos
louvarmos com um só
coração e uma só voz.
Por Jesus Cristo, nosso
Senhor.**

6 de julho

SANTA ROSALINA DE VILLANUEVA

Virgem e Monja.

12 Leituras.

Rosalina de Villanueva, nascida em 1263 no castelo de Arcos (Provença - França), é a única Santa canonizada da nossa Ordem. O seu nome, diminutivo de rosa, parece estar em relação com estes fatos: 1º, porque a sua mãe, antes de concebê-la, teve um sonho em que viu a sua futura filha em forma de uma bela rosa, sem espinhos; 2º, porque deu-se também nela o milagre das rosas, tal como aconteceu com outras santas: o pão que levava para os pobres converteu-se em rosas ao ser interrogada pelo pai sobre o que levava; 3º, enfim, porque os seus restos mortais exalavam um rico perfume de rosas depois de seu falecimento.

Aos 16 anos de idade, renunciou às grandezas que o mundo lhe oferecia, escolhendo a Ordem Cartusiana para se consagrar a Deus. Fez parte do seu noviciado em Prébayon e, após, passou para Bertaud; fez neste mosteiro a sua profissão, em 1280 y sua consagração virginal em 1288.

Sendo eleita como Priora no mosteiro de Celle-Roubaud uma tia sua, chamada Jeanne de Villanueva, Rosalina foi enviada para esse mosteiro para ajudá-la como auxiliar. Prestou-lhe caridosa ajuda durante 16 anos. Em 1300 o Rev. Pe., Dom Boson († 1313), escolheu a Rosalina para lhe suceder no ofício, quando esta contava 36 anos de idade. Permaneceu no cargo de priora até 1329, tendo como divisa de toda a sua atuação esta sentença: "Ser útil a todos e aceitar os desprezos de todos". Pouco depois da sua abdicação do ofício, foi chamada por Deus a receber a recompensa eterna. Era o

dia 17 de janeiro de 1329 e tinha 67 anos de idade. Se já durante a vida possuía fama de santa, esta aumentou com os prodígios que se realizaram nos dias em que esteve exposto o seu cadáver para satisfação dos devotos vizinhos, exalando uma suave fragrância de rosas.

Depois de 25 anos da sua morte, o seu corpo foi colocado num belo relicário de cristal. Os seus olhos conservavam um brilho particular, sendo depositados num outro relicário.

Crescendo sem cessar o número de favores e graças concedidos pela intercessão da Santa e tendo-se conservado a sua devoção e culto durante muitos séculos pela parte do povo de Deus, o Bispo de Frejus solicitou da Santa Sé a aprovação do culto de modo oficial. O Beato Pio IX, por breve expedido em 1851, aprovou o *culto imemorial* dado à santa e concedeu à diocese o Ofício da mesma virgem.

A Ordem recebeu o mesmo favor aos 17 de setembro de 1857. O Capítulo Geral concedeu-lhe festa de 12 leituras, determinando sua festa para o dia 16 de outubro; no Calendário Cartusiano de 2019, ficou no dia 6 de julho, concedendo a Santa Sé às Cartuxas de monjas celebrar sua festa com rito de solenidade.

Na Missa pedimos a Deus, pela intercessão desta virgem, as graças que nos levarão à perfeita vivência de nossa vocação: "desapegar-nos dos bens terrenos, para nos enriquecermos no Céu dos bens eternos" (*Coleta*); que "em perfeita união com o Filho, ofereçamos a Deus uma digna oblação" (*Sobre as oferendas*); enfim, que "chamados a ter a Igreja por Mãe, vivamos unidos ao amor de Deus" (*Pós-comunhão*).

Esta santa cartusiana apresenta-nos uma mensagem sempre atual e urgente, que pode ser condensada nestas três palavras: caridade, oração e abnegação. Do seu amor a Deus

brotava a força para amar ao próximo e entregar a sua vida no serviço de Prioressa, socorrendo as suas filhas e todos quantos a ela recorriam. Na oração, alimentava a sua união com Deus e tirava d'Ele o que logo tinha de comunicar às suas filhas; a abnegação de si mesma impulsionava-a a viver para todos e ao serviço de todos, vendo em todos a imagem de Deus, os filhos do Pai Celeste. Aproveitemos esta festa para pedir a Deus, por meio desta nossa irmã, o crescimento em número e em mérito das nossas vocações, em especial de nossas monjas. E, para todos, supliquemos a graça de santificar os nossos olhos, afastando-os de todas as vaidades, a fim de que os olhos do nosso coração mereçam contemplar, em Deus, todas as belezas e manter-nos sempre fixos n'Ele (cf. *Efemerides Ord. Carth.* D.L. Vasseur, t.II, P 9318).

Oração:

Ó Deus, por cujo amor Santa Rosalina abraçou a vida no deserto a fim de unir-se unicamente a Vós; fazei que, ao seu exemplo, caminhemos pela via do divino amor e participemos para sempre dos dons celestiais. Por JC. N. S.

Santa Rosalina de Villanueva.
Cartuxa de Montalegre.



5 de agosto

**BEATOS CLÁUDIO BEGUINHOT E LÁZARO TIERSOT,
E DEMAIS MÁRTIRES DA NOSSA ORDEM**

Monges e Mártires

3 Leituras.

E sta festa, onde junto com os Beatos Cláudio e Lázaro celebramos a de todos os Santos Mártires de nossa Ordem, tem uma história recente que após algumas disposições transitórias no Calendário de 2003, no Capítulo Geral de 2017 foi aprovada esta festa como agora está e confirmada pela Santa Sé no Calendário de 2019. Uma festa como esta, que inclui os nossos irmãos Cartuxos que deram sua vida por Cristo e sua Santa Igreja.

Na verdade, a realidade do martírio em nossa Ordem aparece com morte especial do sucessor de São Bruno em Chartreuse, Mestre Landuino, no 14 de setembro de 1100; ela foi ocasionada na prisão pelos maus tratos recebidos pelos partidários do antipapa Gilberto (Clemente III), já que não quis afastar-se da obediência ao legítimo Papa.

Os Cartuxos não deixaram de ter, em todas as épocas de perseguição, um grupo de filhos que permaneceram fiéis à sua consagração a Deus, mesmo a custo de sua vida.

Nem todos esses mártires foram beatificados ou canonizados: são mais de 400 e morreram nas mãos dos tártaros, turcos, muçulmanos, hussitas, luteranos, calvinistas, revolucionários franceses, comunistas e nazistas. Destes últimos foi o caso dos mártires das Cartuxas de Montalegre e de Farneta, no meado do século XX: todos eles receberam os golpes que iam dirigidos contra a Igreja de Cristo, morrendo, por isso, *in odium fidei*. Neste dia comemoramos todos eles.

Nos tempos da Revolução francesa, além de suprimir dezenas de Casas de nossa Ordem, morreram, ao menos, 46 cartuxos, 10 eram sacerdotes que morreram nos navios com destino à deportação na Guayana Francesa, ou lá mesmo, como foi o caso do padre Hugues Fournier, em 1799.

Após uma primeira deportação, que partiu de Bordeaux, em 16 de abril de 1793, decidiu-se que os próximos grupos partiriam de Rochefort. Neste lugar, entre novembro de 1793 e julho de 1794, foram reunidos mais de 800 sacerdotes, entre os quais 15 eram cartuxos. Todos foram embarcados em dois velhos navios, chamados "Les Deux-Associés" (*Os dois sócios*) e "Washington", que haviam servido anteriormente para o comércio de negros e, agora, permaneciam ancorados no porto de Rochefort, próximo da Ilha de Aix, à maneira de um pequeno campo de concentração flutuante.

De todos estes sacerdotes, morreram 547, sendo libertados mais tarde os que sobreviveram, entre eles 5 cartuxos.

Das 547 vítimas dos *pontões de Rochefort*, 64 foram beatificadas por São João Paulo II em 1º de outubro de 1995, pois só estas reuniam todos os requisitos necessários para tal ato, como, p. ex., a documentação comprobatória de que morreram *pro odium fiedi* e que aceitaram voluntariamente seus sofrimentos e a morte mesma por fidelidade a Cristo e à sua Igreja. Além disso, manifestando até o fim disposição de virtudes heroicas, como o perdão aos inimigos e uma excepcional abnegação na prática da caridade, cuidando dos outros condenados até o esgotamento das próprias forças.

Entre os 64 Beatos, temos a satisfação de contar dois monges cartuxos: **Cláudio Beguignot e Lázaro Tiersot**.

O Bem-aventurado Cláudio Beguignot (1736–1794). Ele foi monge Professo da Cartuxa de Bourgfontaine, onde emitiu seus votos em 15 de agosto de 1760. Pouco se sabe de sua vida na Ordem. Depois da supressão de sua Casa, recusou prestar juramento ao movimento revolucionário e escondeu-se na Cartuxa de Rouen como hóspede. Em 1791, esta Comunidade se dispersou. Sabe-se de nosso bem-aventurado que, em abril de 1793, foi detido em uma casa particular até o dia 6 de março do ano seguinte, quando foi levado até Rochefor, onde, após ser revistado, embarcou no navio “Les Deux – Associes” (*os dois sócios*).

Mais tarde, um dos cartuxos sobreviventes, seu companheiro na tribulação, chamado Labiche de Reignefer, prestou o seguinte testemunho:

Este santo religioso faleceu no grande hospital durante minha permanência nele. Depois de haver passado santamente a maior parte de sua vida na contemplação e na prática de todas as virtudes próprias do claustro, terminou-a ainda mais santamente na profissão da fé, em meio às obras penosas de seu ministério sacerdotal, como confessor. Quase todos os enfermos acudiam a ele, embora Dom Cláudio estivesse tão enfermo quanto eles. Tantos trabalhos acabaram por infeccionar seu sangue. A isto, acrescentou-se o agravamento de uma chaga que se havia formado na perna, de tal forma que lhe ocasionou a morte. Faleceu como havia vivido: com os sinais de um verdadeiro predestinado [...]. Era suficiente ver este homem de Deus para que alguém se sentisse atraído pelo amor à penitência. Levava a mortificação de Jesus Cristo em todo o seu corpo. Jamais alguém se cansaria de ouvi-lo falar de Deus, tal era a unção com que o fazia. Os traços de seu rosto tinham algo

de parecido com os que os artistas costumavam representar a São Benedito José Labre. Esta é a razão pela qual havíamos dado esse mesmo nome a este grande servo de Deus.

O Beato Cláudio faleceu em 16 de julho de 1794, com 58 anos de idade, sendo sepultado na Ilha de Aix.

O Bem-aventurado Lázaro Tiersot (1739–1794). Este mártir foi monge da Cartuxa de Nossa Senhora de Fontenay, onde fez os seus votos aos 18 de dezembro de 1769. Quando as Ordens monásticas foram suprimidas na França, ele se retirou à cidade de Avallon. Ali foi detido em 19 de abril de 1793, sendo trasladado para Auxerre. Um ano depois, com outros 15 sacerdotes de Avallon, foi levado a Rochefort para a deportação, sendo embarcado no navio “Washington”.

Um companheiro de infortúnio, chamado *Soudais*, nos deixou dele o seguinte testemunho:

O primeiro de nosso departamento que caiu enfermo foi o Padre Tiersot, cartuxo de Avallon, que havia exercido em outro tempo, o cargo de Vigário em sua Ordem. Atribuiu-se a sua enfermidade ao caritativo costume que havia tomado de não se deitar durante quatro dias para não molestar seus vizinhos, que se queixavam por não dispor de cama. No último dia de sua doença, alguns dos nossos o encontraram e lhe disseram que em breve voltaria a unir-se a nós no mesmo departamento. Diante disso, sorriu e disse: ‘Amanhã toca a mim. Dentro de três horas já não estarei mais neste mundo’.

É certo que, para nós, foi motivo de alegria ver que um dos nossos ia receber a recompensa que justamente havia merecido por tantos sofrimentos tolerados por causa da fé. Todavia, foi também motivo de grande dor perder um homem tão extraordinário. Bastava a sua presença para infundir-nos valor e constância. Quando algum se queixava

do sofrimento que devia suportar, o cartuxo costumava responder assim: Isto não é nada; merecemos muito mais. Aqueles que eram condenados às minas, nos primeiros tempos da Igreja, depois de lhes haverem cortado um pé ou arrancado um olho, pela confissão de Jesus Cristo, ficavam em situação muito pior que a nossa.

A doçura de seu caráter, sua modéstia e humildade, assim como sua terna piedade, eram motivo para ser querido e buscado por todos. Os recém-chegados, que ainda não o conheciam, nos perguntavam ao vê-lo: ‘Quem é esse?’ E, sem esperar nossa resposta, acrescentavam: ‘Esse Padre é um santo!’

Eu tive a satisfação de conhecê-lo em Auxerre e de permanecer em sua companhia por cerca de dez meses. Não vi nele outra coisa senão muitas e excelentes qualidades, sem nenhum defeito. Admirou-me, sobretudo, sua fortaleza para superar qualquer sofrimento. Austero consigo mesmo e indulgente para com os outros. Nele se davam as mãos um grande sentido comum e um profundo conhecimento da Teologia. [...] Deixou o exemplo de todas as virtudes.

O Bem-aventurado Lázaro faleceu aos 10 de agosto de 1794, com 55 anos de idade. Segundo o certificado oficial, foi vítima de “febre pútrida”. Seu corpo, da mesma forma que o de Dom Cláudio Beguignot, descansa na Ilha de Aix.

Estes irmãos, assim como os quase quatrocentos cartuxos de cujos sofrimentos por causa da fé temos notícia, e aos quem nenhuma adversidade conseguiu separar da unidade da Igreja, nos alcancem o espírito de fortaleza e de paz, a fim de gastarmos a nossa vida toda pela honra do Seu Santo Nome e santificação da Igreja.

A vida monástica, vivida com generosidade e singeleza, é uma forte *testemunha*, um martírio; se o martírio cruento dos nossos mártires nem sempre é concedido a todos, é a todos quantos abraçamos a vida cartusiana que é dado viver desse martírio incruento, entregando-nos como testemunhas da presença de Cristo e do Seu Espírito no mundo de hoje. Já é uma graça muito especial o fato de ter diante de nós, para isso, a generosa fidelidade dos nossos irmãos que, em um HOJE sem fim, cantam ante o trono de Deus os Seus louvores com as palmas do martírio nas mãos.

Eis aqui a oração desta festa cheia de jubilosa entrega a Cristo.

Oração:

Deus eterno e onipotente, que concedestes aos Mártires cartuxos a honra e a graça de morrer pelo nome de Cristo, infundi em nós a vossa força, pois somos fracos, e a exemplo daqueles que morreram corajosamente por vosso amor, fazei que saibamos manter-nos fortes para dar testemunho de Vós com a vida. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

**Os Beatos Cláudio
Beguignot e Lázaro
Tiersot,**
por Rafael Tardio.



5 de agosto

BEATO GUILHERME HORN

Monge e Mártir

3 Leituras.

Nosso Calendário celebra hoje o último dos mártires da Cartuxa de Londres, o Beato Guilherme, que forma parte do último grupo apresado por se recusar a reconhecer como chefe da Igreja na Inglaterra o sensual Rei Henrique. Todos os fatos das prisões e provocações dos súbditos de Cromwell para com os monges da Cartuxa londrinense nos são conhecidos pelo testemunho ocular do Pe. Mauricio Chauncy, membro daquela Comunidade, que conseguiu fugir para o continente e escreveu ao Rev. Pe. Geral. A continuação, transcrevemos o que ele nos diz sobre o Irmão Guilherme.

O Pe. Chauncy nos diz que depois de dois anos de assédio, desde a morte dos primeiros mártires, e vendo que todos se submeteram ao edito real, nos deixou escrito que alguns da Comunidade, “não sem grandes danos à sua consciência e, chorando, submeteram-se à vontade do rei.

Os demais não querendo ter mais da casa de pedra do que a si mesmos, e colocando antes de mais nada a salvação de sua alma, deram com valentia tudo o que tinham e recusaram obter sua liberdade por meio de uma simulação, mas resistiram firmemente ao rei a fim de alcançar uma ressurreição mais feliz e ter no céu uma casa não feita pela mão dos homens.

Este último grupo está composto por dez Cartuxos, seis Irmãos e quatro Padres. Todos foram presos em 20 de maio de 1537, em uma prisão infame, na cidade de Newgate, onde morreram em breve, exceto um, pela imundície e pelo fedor

da prisão. Ao ouvir isso, o representante régio se impacientou muito e jurou que os teria assediado com mais crueldade se não tivessem morrido.

O irmão Converso sobrevivente, Guillermo Horn, passou três anos de prisão com boa saúde. Tomado finalmente o dia 4 de novembro de 1541 e submetido aos mesmos tormentos de mutilações e rasgamento no seu corpo que seu padre Prior, sofreu e morreu com ele. Assim, o filho seguiu seu pai, sendo entre todos os mais cruelmente atormentados, e morreu finalmente pelo amor de Jesus Cristo e pela fé de sua esposa, a Igreja Católica, recusando-se a fazer em falso um juramento”.

A memória desses irmãos sempre foi mantida na Ordem com grande veneração, mas quando a Inglaterra começou a mudar a legislação relativa aos católicos no século XIX, o Papa Leão XIII, em 6 de dezembro de 1887, proclamou bem-aventurados os dezoito Cartuxos ingleses, juntamente com dezesseis outros mártires da Reforma de Henrique VIII.



O Beato Guilherme Horn.

Cartuxa de Valdemosa

Oração:

Deus Pai todo-poderoso, que destes ao Bem-aventurado Guilherme a graça de combater até dar a vida pela fé; concedei-nos, Vos pedimos, que a sua intercessão nos ajude a suportar a adversidade por vosso amor e a caminhar corajosamente até Vós, fonte da verdadeira vida. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

29 de agosto

MARTÍRIO DE SÃO JOÃO BATISTA

12 Leituras.

Pelo Evangelho sabemos as circunstâncias do martírio de São João Baptista (cf. Mt 14,3; Mc 6,17-29). Santo Agostinho encontrou nas palavras do Precursor, a respeito de Cristo: "Ele deve crescer e eu diminuir" (Jo 3,30), um anúncio profético do seu martírio pela verdade e justiça. Embora a decapitação do Precursor do Senhor houvesse tido lugar na proximidade da Páscoa, foi escolhido este dia para a sua comemoração, porque nele foi descoberta a sua cabeça em Émese (Síria).

O martírio, ou "paixão", de São João Batista foi celebrado com grande solenidade e veneração em todas as Igrejas do Oriente e Ocidente. Na nossa Ordem entrou desde o tempo da sua fundação, no primeiro Calendário, juntamente com a festa do seu nascimento (*Ant. Estat.* 1ª. P.35,10-11). Na verdade, sendo escolhido pelos nossos fundadores como "modelo" da nossa vida eremítica e como especial e celeste Patrono da nossa Família monástica (cf. *Est. Cart.* 10,10), julgaram conveniente oferecer-lhe a homenagem agradecida em duas festas: na solenidade de sua Natividade e na festa de 12 leituras de seu martírio. Após a renovação do Vaticano II, esta última ficou como de 3 leituras, mas na última remodelação do nosso Calendário, voltou a ser celebrada como antigamente.

A querida e serena figura do nosso Patrono traz-nos a cada ano a sua lição martírial: foi no recolhimento do deserto onde se curtiu o seu espírito para a sua missão e paixão. É também no silêncio da solidão que devemos preparar o nosso espírito, a fim de cumprirmos fielmente na Igreja a missão que nos

incumbe, e onde devemos viver a "paixão" ou martírio da vida monástica, mesmo que seja incruento.

Sabemos, com efeito, que, os desertos do Egito e algures encheram-se de cristãos fervorosos, quando o martírio cruento se tornou raro ou quase impossível com a paz de Constantino. Ao não terem já a possibilidade de darem a vida por Cristo, confessando o seu Nome nos tormentos, buscaram outro gênero de martírio na vida monástica; nela julgavam possível dar testemunho do Salvador através de uma vida entregue à prática das virtudes cristãs, à oração e à penitência e ao afastamento do mundo. Foi por isso que escreveu São João Crisóstomo: "Ao lado do martírio, está a filosofia dos monges que eclipsa o sol". E o abade Cassiano, que tanto sabia da vida dos monges escreve também: "A paciência e rigorosa fidelidade com que vivem e perseveram devotamente na profissão que um dia abraçaram converte-os continuamente em crucificados para o mundo e em mártires viventes, visto que nunca dão satisfação aos seus desejos" (*Colações*,18.7). É a doutrina comum dos Padres do monaquismo é clara: "Os verdadeiros monges sofrem com Cristo o suplício da Cruz crucificando a sua própria carne e a sua própria vontade e morrendo a todas as coisas do mundo" (G. Colombás. *Monacato Primitivo*. p. 277). Não nos admire que São Paulino de Nola diga do monge: "O seu corpo é um templo, e o seu coração um santuário em que imola o seu corpo e a sua alma" (*Epístola*, 11.7).

Aproveitemos, pois, a intercessão especial de nosso Padroeiro para impetrar a graça de "sabermos lutar corajosamente pela confissão da fé" (*Coleta*); "para nos converter em sacrifício de Cristo" (*Sobre as oblatas*) e "para sermos sempre acompanhados pela oração de São João

Santos Cartusianos

Baptista, que deu testemunho do Cordeiro com o seu próprio sangue" (*Pós-comunhão*).

Oração.

Vós quisestes, Senhor, que São João Batista fosse o Precursor do nascimento e da morte de vosso Filho, concedei-nos que, assim como ele deu a sua vida pela justiça e pela verdade, também nós saibamos lutar corajosamente pela confissão da fé.

Por Jesus Cristo, nosso Senhor.



São João Batista intercedendo ante a Santíssima Trindade, junto de Nossa Senhora e Santa Maria Madalena, a pedidos de nosso pai, São Bruno.
Giouvano F. Barbieri (1640).

7 de setembro

SANTO ESTEVÃO DE DIE

Monge e Pastor.

Memória facultativa.

Este santo cartuxo nasceu em Lião (França), cujo martirologio proporciona-nos estes dados: "Em Die, no Delfinado, São Estevão, que foi primeiramente Prior da Cartuxa de Portes e a seguir Bispo desta Sé, à qual honrou pela pureza da sua vida, pelo ardor do seu zelo e pelo grande número de milagres, que continuam ainda a realizar-se no seu sepulcro, na antiga catedral, ainda que o seu corpo, conservado incorrupto, fosse queimado pelos calvinistas".

Alguns autores colocam a data do seu nascimento no ano 1155, e em Chatillon, condado da Brescia, o lugar do mesmo.

Entrou na Cartuxa de Portes quando tinha 26 anos de idade, atraído pela fama da santidade que florescia naquele lugar. Nela viveu durante 26 anos a vida cartusiana, com santo fervor e simplicidade, cimentando-a nestes quatro firmes alicerces: a Paixão do Senhor, a Sagrada Eucaristia, a devoção à Santíssima Virgem e o zelo pelo Ofício Divino. Dessas fontes, como era de esperar, nasceu um profundo amor pela salvação das almas. A respeito da sua devoção para com a Eucaristia costumava dividir o dia em duas partes: a primeira, para suplicar ao Senhor a graça de recebê-lo com a menor indignidade possível, e durava até a hora da Comunhão ou celebração; a segunda, para agradecer o dom recebido na santa Comunhão ou Santa Missa.

O Ofício Divino constituía para ele, realmente, a parte mais digna da sua tarefa quotidiana, e punha nela toda a sua atenção e reverência. O gozo que lhe produzia o canto dos

divinos louvores era tal que lhe redundava na expressão do rosto. Mesmo sendo já bispo, não se dispensava da assistência ao coro, com os cônegos.

Depois de 26 anos de vida cartusiana foi escolhido pelo Cabido para pastor da Diocese de Die. Não quis aceitar, mas uma ordem do Papa fez com que rendesse plenamente a sua vontade ao querer de Deus, assim manifestado. Para mais, recebeu a mesma ordem do Rev. Padre Dom Jancelino (†1233), a quem o mesmo Papa tinha advertido da sua eleição. É que a fama da sua santidade tinha saído dos claustros de Portes, donde ele raramente saía e do qual era Prior nessa altura.

No seu *múnus* pastoral brilhou com todo o seu poder o zelo pela salvação das almas que tanto tinha alimentado na solidão; dedicou-se a ela com toda a sua oração e penitência.

Consternado pelas muitas e graves desordens que via imperar na sua diocese e pela dureza do coração dos diocesanos, que não queriam se converter nem faziam caso das suas orações, lágrimas e exortações, diz-lhes, numa ocasião em que lhes pregava em sua Sé: “Visto que não quereis deixar o pecado nem seguir a lei de Deus, vou mostrar-vos quem é o senhor a quem servis com as vossas desordens”. E suplicou ao Senhor para que lhes permitisse verem o demônio de quem eram escravos. Deus escutou a sua oração e todos os presentes puderam ver os demônios em figuras horríveis e espantosas, expelindo fodor e chamas, mas sem fazer dano a ninguém. O povo, perante esse espetáculo, ficou atônito e cheio de espanto, ao mesmo tempo em que suplicava de seu Bispo a intercessão por eles a Deus, prometendo a mudança de vida. O Santo o fez assim e desapareceu a horrível visão. E o povo emendou o seu proceder. Além deste, realizou muitos outros milagres.

Estando muito aflito pelo incremento que ia tomando a heresia dos Albigenses, suplicava ao Senhor com todo o ardor do seu amor que mandasse pregadores à sua Igreja, para combater esses perniciosos erros. O Senhor revelou-lhe a próxima aparição duma Ordem religiosa de pregadores para defender a verdade católica. O Santo, cheio de gozo, revelou essa profecia à Cartuxa de Portes, para onde se retirava com frequência, e esta pôde comprovar a realidade da mesma e o seu cumprimento ao saber que São Domingos tinha ido à Grande Cartuxa para consultar com o Rev. P. Dom Jancelino sobre a fundação da sua família e a finalidade da mesma: lutar contra as doutrinas dos inimigos da fé.

A permanência deste Santo à frente da sua Diocese de Die durou só seis anos. Mas a sua prematura morte foi mais uma mostra da predileção de Deus para com o nosso santo monge. Com efeito, encontrando-se São Estevão na Cartuxa de Durbon, de visita, disse a um Converso de excelente virtude que estava doente: "Caríssimo Irmão, tende por certo que esta doença vai levar-vos para Deus; por isso, eu vos suplico que, quando estejais na presença de Deus, rogueis por mim e peçaes ao Senhor que, se permanecendo no bispado a minha alma se há encontrar em perigo de perder a Sua graça, que Ele não permita que eu continue nele". Morreu o Converso e, naquele mesmo dia, caiu doente nosso santo que, por sua vez, faleceu 12 dias mais tarde, aos 7 de setembro de 1208, aos 58 anos de idade, 32 de vida religiosa e 6 de episcopado. A última recomendação que fez aos circunstantes foi para viverem na união e concórdia da caridade.

A sua piedade filial para com Nossa Senhora levou-o a pedir o favor de ser enterrado na Capela da sua Catedral, dedicada à Rainha do céu. E nesse lugar foi sepultado aos 8 de

setembro, festa da Natividade de Nossa Senhora. Logo começaram a realizar-se milagres pela sua intercessão, entre eles vários casos de ressurreição de mortos. O número de milagres foi tão grande que, 23 anos depois da sua morte, o Arcebispo e os outros Bispos daquela região solicitaram de Gregório IX a canonização do novo taumaturgo; para tal efeito, apresentaram uma lista pormenorizada de 67 milagres, 12 dos quais eram ressurreições de mortos.

Desde tempo imemorial, a festa do nosso santo celebrou-se aos 7 de setembro na diocese de Die. Em 1561, os hereges huguenotes queimaram o corpo do santo e todos os documentos relacionados com o seu culto. No entanto, continuou viva a sua devoção e os milagres por ele alcançado.

Nós celebramos sua festa aos 7 de setembro, confirmada pelo Calendário de 2019 como *memória facultativa*, mas a Cartuxa de Portes obteve celebrá-la com rito de 3 leituras.

A vida deste santo bispo e irmão nosso continua a ser para nós um modelo na vivência de nossa vocação monástica, à qual não renunciou nunca, pois se retirava à Cartuxa de Portes sempre que as suas obrigações lhe permitiam, para vacar mais a Deus. E as lições que nos dá hoje são as mesmas que ele viveu durante a sua vida: - devoção ao mistério da Paixão de Jesus; - piedade profunda para com a Sagrada Eucaristia; – entrega e amor filial à Virgem Maria; – santo zelo pelo Ofício Divino; – entranhável amor pela salvação das almas.

Não são os seus milagres e portentos os que devem influenciar a nossa vida, mas sim as suas virtudes cartusianas, que o tornaram grato a Deus e que lhe obtiveram o favor divino para a utilidade espiritual dos seus filhos espirituais. Nós, se não podemos fazer milagres sobre os corpos, podemos realizá-los sobre as almas, mediante a nossa íntima união com

Deus, a oração e a penitência. Unidos a Deus, dispomos do poder de Deus. Por isso, canta o salmista: "Deus faz a vontade daqueles que O temem" (Sl 144,19).

Peçamos a São Estevão encontrarmos a Deus no termo do nosso esforço perseverante para a cidade celeste.

Que o Pão de Vida mantenha a nossa caminhada até as moradas eternas, onde serão saciados os filhos de Deus com a plenitude dos Seus dons, como pedimos na sua festa.

Oração:

Senhor, pelo vosso amor todo-poderoso, abris a eternidade bem-aventurada aos vossos filhos de espírito ardente, mas cuja carne é fraca. Concedei-nos a graça de Vos encontrar, em companhia de Santo Estevão, no termo de nosso esforço perseverante para a cidade celeste. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.



Santo Estevão de Die,
Por Vicente Carducho (1624-32).

6 de outubro

NOSSO PAI SÃO BRUNO

Monge.

Solenidade

Bruno nasceu em Colônia por volta do ano 1030, filho de pais de certa relevância. Colônia era, então, uma das principais capitais da Cristandade. Os documentos nada nos dizem acerca da sua infância, nem dos seus primeiros estudos realizados nessa cidade. Ainda jovem, viaja para Reims, na França, a fim de frequentar os cursos que se ministravam na célebre escola catedrática, aonde chegavam numerosos estudantes de toda a Europa cristã. Bruno permanecerá em Reims durante cerca de trinta anos.

Terminados os estudos, logo passou a ser professor da mesma escola. Além de professor, foi também, desde os seus anos moços, um homem de Igreja e cônego da catedral. Em 1057, com vinte e oito anos apenas, o arcebispo Gervásio confia-lhe o cargo de Reitor da Universidade. O jovem professor encontra-se assim à cabeça de um centro de cultura cujo renome se havia expandido por toda a Europa pelo seu famoso mestre Gilberto, que veio a ser eleito Papa com o nome de Silvestre II (999-1003).

Mestre Bruno, no exercício desse cargo, teve uma influência profunda. Em toda a Cristandade, seus antigos alunos dirigiram-lhe, mais tarde, emotivas homenagens de admiração e veneração: "Homem mais notável do nosso tempo, honra dos mestres, guia nas coisas do Céu. Foi digno, reto, bondoso. Um homem prudente, portador duma palavra profunda, brilhava em todas as ciências, das maiores às mais humildes. Primeiro teólogo da sede episcopal de Reims foi,

durante longo tempo, a coluna de toda a Igreja metropolitana, defensor da Igreja Universal, um verdadeiro doutor em sabedoria, uma luz e uma fonte para o mundo. A todos era preferido, por ser bom, douto e eloquente. Possuía a força do coração e da palavra, ao ponto de ultrapassar todos os professores. Pela perfeição de sua vida, dava exemplo de tudo quanto ensinava pela palavra" (*Elogios Fúnebres*).

Uma nota afetuosa se junta à recordação dos que melhor o conheceram. É o caso daquele monge de Cormery, à beira de Tours, França, que escreve uns vinte e cinco anos depois de ter deixado a escola de Reims, ao saber da morte de seu antigo Mestre: "Não consegui reter minhas lágrimas. Tinha a firme intenção de ir visitá-lo em breve, para o ver e escutar, confiar-lhe todas as inclinações da minha alma e consagrar-me à Santíssima Trindade sob sua direção. Sou originário da cidade de Reims. Frequentei os cursos de Mestre Bruno durante alguns anos e, com a graça de Deus, tirei muito proveito; agradeço a Mestre Bruno este progresso. Guardá-lo-ei em minha memória juntamente com todos aqueles que o amaram em Cristo" (*ibid.*).

Após a morte do arcebispo Gervásio, um aventureiro chamado Manassés de Gournay consegue fazer-se nomear para a sede arquiépiscopal de Reims. Era a época da Questão das Investiduras: numerosos eram os bispos que, sendo homens da corte ou de armas, ocupavam esses cargos sem ter vocação sacerdotal ou monástica e que, aproveitando-se da ingerência abusiva dos soberanos na nomeação dos titulares, obtinham, por meios indignos (simonia), as mais altas dignidades eclesiásticas, não tendo outra preocupação senão de receber os "benefícios", às vezes consideráveis. Manassés foi um desses prevaricadores.

Com o propósito de conseguir estima do clero de Reims, nomeia Mestre Bruno chanceler da diocese. Apesar dessas mostras de benevolência, Bruno não pode se calar, pois o escândalo era demasiado patente. Sem deixar-se amedrontar pela perspectiva de represálias, ele e dois dos seus amigos denunciaram o seu arcebispo no Concílio de Autun de 1077. O legado do Papa que presidia ao Concílio - Hugo de Oie - condena o simoníaco. Manassés, encolerizado, toma posse das casas de seus acusadores, confisca seus bens e vende suas prebendas. Recorre a Roma, conseguindo obter, por engano, uma medida de clemência de Gregório VII a seu favor. Contudo, novas acusações contra o mau prelado ocasionaram, finalmente, a sua deposição no Concílio de Lião, realizado em fevereiro do ano de 1080. O Papa, todavia, não quer castigar o arcebispo sem lhe oferecer uma última ocasião de reabilitar-se: "Saiba Vossa Excelência que nós confirmamos a sentença dada contra vós no Concílio de Lião. Não obstante, querendo usar de indulgência para convosco, nós vos concedemos que vos justifiqueis até a festa de São Miguel, na condição de devolveres tudo o que foi tirado ao presidente cabido, a Bruno e aos outros que falaram contra vós em favor da justiça."

Obstinado no mal e desprezado por todos, o indigno sucessor de São Remígio acabou por retirar-se, depois de ser expulso de Reims, encontrando refúgio junto ao imperador Henrique IV da Alemanha (1050-1106), então excomungado.

Enquanto Bruno lutava com coragem pela verdade e pela justiça, amadurecia nele o desejo duma maior entrega a Deus perante a triste constatação das lutas e desordens na Igreja, dilacerada e atormentada pela simonia e um clero decadente. Discernindo um apelo divino, julgou mais útil para o Reino de

Deus entregar-se a uma vida de oração e de penitência no silêncio do deserto.

Era necessário encontrar um sucessor de Manassés para a sede arquiepiscopal de Reims. Eram numerosos aqueles que a queriam ver ocupada por Bruno. O próprio Legado Pontifício o propõe ao Papa. Mas, nesse momento, a decisão de Bruno já está tomada: sentiu-se seduzido por Cristo e não deseja outra coisa senão segui-l'O numa entrega sem limites. Recusa a sede de São Remígio, põe em ordem as suas coisas, distribui seus bens entre os pobres e parte sem saber até onde o conduzirá o Espírito Santo.

Como muitos outros, começa buscando às apalpadelas. Forma parte dum ensaio de vida solitária em Sèche Fontaine. Ao fim de algum tempo, afasta-se em direção a Grenoble, onde encontra Hugo de Chateauneuf, jovem bispo com fama de santidade.

Nada escapa à Providência divina. Hugo compreenderá, estimulará e ajudará o antigo chanceler na realização de sua vocação. O longo caminho percorrido por Bruno na França do século XI parece mais que justificado para encontrar esse homem de Deus, a quem hoje se considera cofundador da Ordem Cartusiana.

Santo Hugo conduziu Bruno e seus companheiros até o extremo de um vale estreito e completamente solitário, chamado Chartreuse (Cartuxa). Os novos eremitas decidiram estabelecer-se aí.

Era o dia de 24 de junho de 1084, festa de São João Batista, grande solitário e precursor da vida monástica no deserto. A estação do verão era propícia a instalarem-se numa região tão fria como é o maciço de Chartreuse. Os trabalhos começaram sem demora. Algumas modestas cabanas de madeira,

independentes umas das outras, e unidas por uma galeria ou claustro; uma capela e diversos locais destinados a reuniões em comum. Esta disposição dos edifícios servirá no futuro de modelo a todas as cartuxas, e expressa, numa estrutura arquitetônica, aquilo que constituiu a vocação a que foram chamados Bruno e seus companheiros: uma comunhão de solitários.

Mais abaixo, no vale, sempre numa solidão bem protegida, se instalaram aqueles eremitas que dedicariam a maior parte do seu tempo ao trabalho manual para a subsistência de toda a comunidade: os primeiros irmãos conversos.

O bispo cuida de assegurar a solidão de seus protegidos, preservando-os de todo litígio, como os vizinhos inoportunos. Dessa forma, facilita a Bruno e sua pequena comunidade a plena posse do seu deserto. Os novos solitários poderão viver inteiramente separados do mundo, num retiro inviolável, inclusive pela configuração singular do terreno.

Bruno mostra-se Pai de seus companheiros, suavizando o peso das austeridades por sua bondade quase maternal e por sua alegria imperturbável. O fundador da Ordem Cartusiana deseja que todos os seus filhos se alegrem no Senhor: "Alegre, ele deseja que os seus vivam na alegria" (*Elogios Fúnebres*). A seus filhos da Cartuxa, ele escreverá mais tarde: "Regozijai-vos, meus irmãos amadíssimos, regozijai-vos de vossa bendita sorte e da liberalidade da graça divina sobre vós".

Bruno julgava ter encontrado naquele sítio o lugar onde ficaria para sempre. Porém, não suspeitava o que aconteceria ao ser eleito Papa um de seus antigos alunos, Urbano II.

Haviam decorrido seis anos desde a fundação do deserto da Cartuxa, quando, em princípio do ano 1090, chega uma mensagem de Roma: o soberano Pontífice reclama Bruno para

o serviço da Santa Sé. Esta notícia provoca a consternação da nascente comunidade.

Bruno nem tenta dar-se por desentendido, porque a ordem era formal; esquivar-se seria resistir ao Sucessor de Pedro. Logo, obedece. Contudo, partir não era somente renunciar à solidão amada, era também condenar à ruína uma comunidade que ele amava e onde não era menos amado. Com efeito, seus filhos julgaram que não poderiam continuar a vida que haviam abraçado faltando-lhes o pai; por isso se dispersaram. O domínio da Cartuxa, Bruno o cede à Seguin, abade de Chaise-Ôieu. Mas, então, tudo vai acabar assim?

A Igreja encontrava-se dividida devido ao antipapa Clemente III. O Vigário de Cristo, Urbano II, sentia necessidade da ajuda de pessoas esclarecidas e seguras. Foi essa a causa que o levou a pensar em seu antigo Mestre de Reims. Ignorava, todavia, as funestas consequências de tal chamamento.

Chegado a Roma, Bruno pôde conseguir rapidamente que seus filhos retomassem a vida no deserto. O Papa Urbano II fez devolver aos cartuxos suas terras. A ata da restituição foi assinada por Seguin em 17 de setembro de 1090. Sob a direção de Landuíno, nomeado Superior por São Bruno, os cartuxos de novo se reuniram no eremitério abandonado, continuando sua vida solitária, marcados e inspirados pela memória viva de seu inolvidável pai.

Em meados de junho de 1090, o Papa teve de abandonar Roma, que veio a cair nas mãos do antipapa. Urbano II refugiou-se no sul da Itália. Bruno confiou ao Pontífice seu desejo de voltar o quanto antes à vida eremítica, a que sempre se julgava chamado por Deus. O Papa pensou que não devia contrariar uma inclinação tão evidente para a vida

contemplativa. Depois de lhe ter oferecido em vão o arcebispado de Reggio, na Calábria, Itália, autoriza-o a viver de novo na solidão, embora sem o deixar afastar-se demasiado. E assim nasce a Segunda comunidade da futura Ordem Cartusiana.

O Santo funda o seu novo eremitério, semelhante ao primeiro, na Calábria, num lugar chamado "A Torre", em terras dum príncipe normando, Rogério, conde de Sicília e Calábria. Foi secundado e ajudado por Landuíno (que não se deve confundir com Landuíno, Prior da Grande Cartuxa). Bruno, retirado definitivamente na Cartuxa de Santa Maria da Torre, nunca se desinteressará da grande Cartuxa, ainda que não pudesse regressar a ela. Por isso, a visita que lhe faz Landuíno no verão de 1.099 proporciona-lhe uma grande alegria. Seu sucessor no Delfinado vinha lhe trazer notícias e buscar orientações. Bruno pôde estar longamente com ele, e confia-lhe, para seus discípulos, uma carta afetuosa que nos foi conservada. Encontramos nela o mais íntimo do seu coração afetuoso e paternal.

Dois anos depois da morte de Urbano II (29-06-1099), nosso pai sente aproximar-se o fim. Reúne a comunidade e faz publicamente uma profissão de fé, insistindo na tríplice virgindade de Nossa Senhora, na Santíssima e inefável Trindade, e na presença real de Cristo na Eucaristia: assim, protesta solenemente contra os principais erros doutrinários de seu tempo. No Domingo, 6 de outubro de 1101, deixa a morada terrestre para passar à visão imediata do Deus Três vezes Santo.

O mais precioso, emotivo e completo testemunho conservado sobre o fundador dos Cartuxos é o que foi deixado pelos seus filhos de Santa Maria da Torre:

"Bruno merece ser louvado por muitas coisas, mas, sobretudo por esta: foi um homem de humor inalterável - era essa a sua especial característica. Tinha sempre o rosto alegre e a palavra modesta. Juntava à autoridade de um pai e a ternura de uma mãe. Jamais foi encontrado altaneiro, mas sempre manso como o cordeiro. Foi nesta vida o verdadeiro israelita".⁵

O Papa Leão X, em 13 de julho de 1515, informado das virtudes e vida santa de Bruno reconheceu a sua santidade por oráculo *viva vocis*, como se diz no estilo curial, e é chamada "canonização equipolente",⁶ outorgando aos monges cartuxos a faculdade para poder celebrar sua festa no dia 6 de outubro.

Logo depois, Gregório XV decretou sua celebração para a Igreja Universal, em 1621. Com a renovação do Ano Litúrgico do Vaticano II, sua comemoração conservou-se como *memória facultativa*, e tem para ela, como leitura própria, a Carta que conservamos redigida aos Irmãos de Chartreuse.

O Papa Bento XVI, na sua visita à Cartuxa de Calábria, condensou assim a missão de Bruno no mundo atual:

"Venho a vós hoje, e gostaria que este nosso encontro destacasse o profundo vínculo que existe entre Pedro e Bruno, entre o serviço pastoral à unidade da Igreja e a vocação contemplativa na Igreja. A comunhão eclesial, de fato, tem necessidade de uma força interior, aquela força que há pouco o Pe. Prior recordava citando a expressão *captus ab Uno*, referida a São Bruno: *aderido ao Uno*, a Deus... O

⁵ *Elogios Fúnebres* de Bruno, começo. Un CARTUJO. *San Bruno. Biografía y carisma*. Pág. 264, nota 14. Madrid-2001.

⁶ Cf. Un CARTUJO. *Op. cit.*, pág. 264, nota 14.

ministério dos Pastores traz da comunidade contemplativa uma seiva espiritual que vem de Deus.

Fugitiva relinquere et æterna captare: abandonar a realidade fugaz e buscar ater-se ao eterno. Nessa expressão da carta que o vosso Fundador endereçou ao Reitor de Reims, Raul, encerra-se o núcleo da vossa espiritualidade (cf. *Carta a Raul*,13): o forte desejo de entrar em união de vida com Deus, abandonando todo o resto, tudo o que impede essa comunhão e deixando-se agarrar pelo imenso amor de Deus e viver somente por esse amor.

Queridos irmãos, vós tendes encontrado o tesouro escondido, a pérola de grande valor (cf. *Mt* 13,44-46); tendes respondido com radicalidade ao chamado de Jesus: *Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-Me!* (*Mt* 19,21). ... *A visita do Sucessor de Pedro nesta Cartuxa pretende confirmar não somente a vós, que aqui viveis, mas a toda a Ordem, em sua missão, tanto mais atual e significativa no mundo de hoje.*⁷

Terminamos esta resenha biográfica de nosso Pai com umas palavras do Papa Francisco com ocasião do 500º aniversário da canonização equipolente de São Bruno:

“Dou graças a Deus por esta bela e irradiante figura, cuja vida, impregnada do Evangelho, segue inspirando homens e mulheres desejosos de seguir de maneira particular a Jesus orante e que se oferece para a salvação do mundo. ... Hoje ainda, pela densidade de sua existência, dedicada toda ela a uma procura assídua de Deus e à comunhão com Ele, segue

⁷ Homília na celebração das Vésperas na Cartuxa de Serra São Bruno, 9 de outubro de 2011 (*L'Osservatore Romano*, nº. 2182, p. 16).

sendo uma estrela brilhante no horizonte, para a Igreja e para o mundo”.⁸

Eis aqui a bela oração das primeiras vésperas de sua festa:

Ó Deus, que escolheste São Bruno para dar exemplo aos homens na busca do único necessário, concedei-nos que, seguindo os seus passos, sejamos fiéis em dar testemunho da vossa majestade e da nossa união em Cristo. Que vive e reina para sempre.



São Bruno em oração, pelo pintor Vascus, 1834.

A representação do Santo mais antiga no Brasil.
Museu da arquidiocese de Mariana (MG).

⁸ Carta do dia 3 de junho de 2014 ao Pe. Geral da Ordem, Fr. François-Marie Velut, com motivo do V Centenário de sua canonização.

8 de outubro

SANTO ARTOLDO DE BELLEY

Monge e Pastor

Memória facultativa.

Dentre os santos de nossa Ordem, Santo Artoldo é um santo muito original: nasceu no mesmo ano em que falecia São Bruno, em 1101, e faleceu quase no mesmo dia que ele, em 5 de outubro de 1200. Pelas recomendações últimas da sua vida, sabemos que tinha uma profunda devoção à santa lembrança deixada por nosso Pai Bruno.

Artoldo nasceu no Castelo de Sothonod, nas montanhas de Valromey, diocese de Belley. Foi o primogênito da sua família, renunciou a seus direitos em favor de sua irmã, Petra, a fim de poder seguir mais perfeitamente o chamamento divino. Aos 17 anos, tinha ingressado na corte de Amadeu III, da Sabóia; deixando o seu brilhante futuro, aos 18 anos, ingressou na Cartuxa de Portes, onde fez a Profissão em 1120, a partir das mãos do fundador e primeiro Prior daquela Cartuxa, o venerável Bernardo de Portes.

Na mesma época em que Artoldo ingressou em Portes, seu Prior, junto a outros Priores,⁹ solicitou a Guigo I (†1136), quinto sucessor de São Bruno, em Chartreuse, a escrita dos *Costumes* daquele eremitério, que o executou entre 1121-27, apenas 20 ou 26 anos do falecimento de Bruno, sob as instâncias de Hugo de Grenoble. Em parte, isso explica, a devoção de Artoldo ao Fundador de Chartreuse. Ele viveu com tanta integridade e fervor a sua vocação cartusiana, que

⁹ Estes foram, além do próprio Bernardo, Humberto do mosteiro de São Sulpício e Milon do mosteiro de Maiorévi.

em 1132 Dom Guigo, julgou-o digno de mandá-lo a fundar uma nova Cartuxa na província de Vallronay, a pedido do Bispo de Genebra.

Passados dez anos dessa fundação, estabelecida num sombrio e frigidíssimo vale, um incêndio destruiu por completo o pequeno mosteiro. O novo bispo da diocese, Ardúcio de Faucigny, ajudou a estabelecer o novo mosteiro em um lugar mais alto e seguro. A construção recebeu o nome de Cartuxa de Arvieres, devido à torrente que corria aos pés do monte em que foi levantada. Muitos outros senhores e eclesiásticos ajudaram e protegeram a nova fundação.

Artoldo foi o construtor do mosteiro, não só no aspecto material, mas também e, sobretudo, no espiritual. Mostrou-se, com efeito, exemplo da observância e vida cartusianas, até o ponto de que a sua fama de santidade cresceu por entre aquelas regiões, pois todos os que entravam em contato com ele faziam-se eco de sua caridade e demais virtudes. Foi por isso que, morto o Bispo de Belley em 1184, quando Artoldo levava 50 anos à frente da sua Comunidade, o povo e o clero de Belley quis fosse o sucessor do bispo falecido, Reynaldo.

Intentou fugir de tal nomeação e escondeu-se para isso, mas uma luz singular revelou o lugar do seu esconderijo. Viu-se na necessidade de aceitar aquele ofício por amor a Deus, vendo nele não a dignidade, mas sim uma carga e nova cruz que lhe impunha o Senhor.

Nesse ofício pastoral viveu durante seis anos, entregue por completo no cuidado de sua grei e guardando, enquanto lhe era possível, as observâncias cartusianas. Passados esses anos e visto o desgaste da sua saúde, conseguiu do papa Clemente III a renúncia de seu ofício pastoral.

Retirou-se para a amada solidão do Arvieres, onde viveu o resto dos seus dias como simples monge, entregue totalmente ao amor de Deus. Iniciou esta última etapa da sua vida em 1190, quando tinha aproximadamente 90 anos de idade; nela permaneceu mais dezesseis anos, dando os mesmos exemplos de vida santa entregue a Deus.

Chegado o fim dos seus dias, foi assistido pelo bispo de Belley, Bernardo II, também cartuxo. Recebidos os santos sacramentos, pediu para ser colocado sobre as cinzas e, tendo-lhe sido apresentado o Crucifixo, estendeu os braços para ele e entregou a sua alma ao Criador. Era o dia 5 de outubro, tinha 105 anos de idade e 86 de vida cartusiana (Cf. *Efemérides*, L. *Le Vasseur*, t.III, p.491).

*As suas últimas palavras são recomendações a que sempre se devem recorrer: ao Espírito Santo, como luz nas dúvidas e como Consolador nas penas; à Santíssima Virgem, como protetora; a São Bruno, como modelo; e de nunca afrouxar no exercício da oração serena, na prática da penitência e da pobreza. “Crescei em virtude – diz ele –, a fim de que a santidade se perpetue de idade em idade nesta Casa pelas boas tradições que vocês deixarem àqueles que virão depois de vós. Amai-vos uns aos outros: que a caridade seja o laço que vos une a todos em Jesus Cristo. Depois, se abandonando à alegria que lhe causava o pensamento de ver em breve seu Deus, ele cantou: “Que alegria quando me disseram vamos à Casa do Senhor [...] Como o cervo sedento suspira pelas águas, assim a minha alma suspira por Vós, ó meu Deus [...] Quando aparecerei ante a face de Deus [...] Livrai a minha alma, Senhor, da sua prisão terrena [...]”.*¹⁰

¹⁰ Seguimos aqui o *Comentário de Montalegre*, isto é o livro: *Explication léttèrale et ascétique des Règles Cartusiannes*. II Parte, pp.

Logo depois de sua morte a fama da sua santidade aumentou pelos favores realizados pela sua intercessão, mas o culto do santo não foi reconhecido pela Santa Sé senão no século XIX. O Papa Gregório XVI o estendeu à diocese de Belley em 2 de julho de 1834, na qual sua festa ficou marcada para o dia de sua morte, 5 de outubro, e onde goza de Ofício próprio.

Na nossa Ordem, começou a ser celebrada a sua festa só em 1859, obtendo-se da Sé Apostólica o indulto para celebrá-la no dia 7 de outubro, seu *dies natalis*, passada logo ao dia 8.

No Calendário Cartusiano aprovado definitivamente pela Santa Sé em 2019, sua festa ficou neste dia como *memória facultativa*. A Cartuxa de Portes, contudo, obteve celebrá-la com rito de 3 leituras.



Oração:

**Deus todo-poderoso
concedei-nos, por
intercessão de Santo
Artoldo, a graça de lutar
valorosamente no meio
das provações desta vida
para alcançarmos, enfim,
o repouso da eternidade.
Por Jesus Cristo, nosso
Senhor.**

Santo Artoldo,
por Zurbarán.

435-36. Este exemplar manuscrito e xerocopiado não tem data, mais foi escrito pelos monges da Grande Chartreuse na Cartuxa de Montalegre depois da sua expulsão da França, nos começos do S. XX.

13 de novembro

TODOS OS SANTOS E SANTAS DA NOSSA ORDEM

12 Leituras.

Esta é uma festa recente no Calendário Cartusiano, introduzida após o Capítulo Geral de 2003. Nela, tem-se procurado reunir as celebrações de diversos Santos e Beatos da nossa Ordem, a fim de seguir as recomendações do Concílio Vaticano II, que depois de nos dizer que *as festas dos Santos proclamam as maravilhas de Cristo operadas em Seus servos e mostram aos fiéis os exemplos oportunos a serem imitados*, pedia que *as festas dos Santos não prevaleçam sobre as que recordam os mistérios da salvação* (SC,111), ou ciclo temporal.

Foi por essa causa que nossa Ordem tem agrupado nesta importante festa as diversas comemorações de nossos irmãos e irmãs que foram reconhecidos oficialmente como Santos e Beatos pela Igreja, deixando à devoção das Casas a capacidade celebrar suas festas em outros dias como *memórias facultativas*. Através deles nos acolhemos à sua intercessão à direita de Deus no Céu.

É esta uma ocasião muito preciosa para celebrarmos esses irmãos que caminharam pelo mesmo caminho que nós, aquele herdado de N. P. São Bruno e seus seis companheiros. Eles são um exemplo estimulante para que expressemos hoje e aqui esse mesmo CRISTO, o qual foi proclamado nas suas vidas pela procura audaz daquela *æqualitas vitæ*, que antes de ser característica do ideal do *monge*, o é do Cristo mesmo, a quem eles desejavam seguir pelo Deserto. A *quies cartusiana* procurada por nossos irmãos é a *hesyquia* ou *apátheia* dos

primeiros monges de Egito; ela é a *Paz que o mundo ignora e o gozo no Espírito Santo* de que nos fala São Bruno (*Carta a Raul*, 7) e que é obra da *graça divina*.

Deus é quem chamou a estes santos e a nós mesmos a Si pela senda cartusiana do Deserto, adornado com os belos exemplos de santidade dos que nos precederam, os quais nos estimulam a aspirar santamente à imitação de Cristo seguindo suas pegadas.

Se Jesus, na solidão da sua vida oculta, foi, sobretudo, o perfeito adorador do Pai, assim o monge, imitando-O, deve sempre ser o *louvor da glória de Deus Pai*.

O Papa Bento XVI nos lembrava esta vocação profunda do monge, ao dizer:

Na “vida dos monges a oração tem uma especial importância: é o centro da sua tarefa profissional. Eles, de fato, exercem a profissão de orantes. Na época dos Padres da Igreja, a vida monástica era qualificada como vida à maneira dos anjos. E como característica fundamental dos anjos via-se o seu ser [de] adoradores. A sua vida é adoração... [Os monges] rezam antes de tudo não por esta ou aquela coisa, mas simplesmente porque Deus merece ser adorado: *Celebrai o Senhor, porque ele é bom (Bondade), porque eterna é a sua misericórdia!* (Sl 106, 1)”.¹¹

Bela, na verdade, é a vocação monástica, a nossa cartusiana, em concreto, tanto no silêncio da solidão das nossas celas, ou do trabalho nas obediências. Olhemos, pois, com afeto e devoção para estes nossos irmãos e irmãs que hoje celebramos, a fim de que nos ajudem a santificar-nos nas

¹¹ Discurso do Papa Bento XVI no Santuário de Mariazell, na Abadia de Heiligenkreuz – Áustria (09-09-2007).

Santos Cartusianos

mesmas veredas que eles percorreram, impelidos ao Deserto pelo Espírito Santo, como Jesus (cf. Mt 4,1).

“Alegremo-nos, pois, pelo nosso feliz destino e pela abundância de graças que Deus derramou sobre nós, agradecendo sempre a Deus Pai que nos fez dignos de participar da herança dos Santos na luz”, tal como nos estimulam os nossos Estatutos (35,8).

Eis a oração da festa de hoje:

Oração:

**Nesta festa dai-nos, Senhor, a graça de caminhar à luz da vossa Face, para que, fixado o nosso coração em Vós, nenhuma outra formosura nos atraia.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.**



Nossa Senhora com alguns dos Santos e Beatos Cartusianos.

Gravura de Francisco Jordán – 1817.

14 de novembro

COMEMORAÇÃO DE NOSSOS IRMÃOS DEFUNTOS

3 Leituras.

No seguinte dia à festa de *Todos os Santos e Santas Cartuxos*, temos a comemoração dos nossos Irmãos Defuntos que, desde o Capítulo Geral de 2003, comemoramos com rito de 3 leituras e Ofício próprio.

Esta comemoração é dever de piedade e caridade para com todos aqueles finados a quem nos unem os laços do amor, piedade e religião, e encontra as suas origens nos primeiros séculos da nossa Ordem.

O dogma da *Comunhão dos Santos* persiste e continua unindo-nos àqueles irmãos que atingiram já a meta da sua peregrinação e a plena realização da nossa vocação cristã ou monástica: a posse de Deus. Mas, dado que ignoramos se de fato usufruem plenamente a eterna felicidade na companhia dos Santos, e pensando, que talvez alguns dos nossos irmãos deverão purificar-se por algum tempo do reato de pena ou de culpa que não puderam satisfazer totalmente neste mundo, somos levados a oferecer por eles o tributo da nossa caridade fraterna, entregando a Deus esta esmola espiritual.

Se na solenidade de *Todos os Santos* nos unimos alegres a eles; se na comemoração dos *Fiéis Defuntos* lembramos todos os finados e detidos no Purgatório, hoje revivemos a nossa *comunhão* e amizade com os nossos irmãos de hábito e com os parentes necessitados dos nossos sufrágios. Como somos todos limitados, bem podemos pensar que alguns deles tenham de satisfazer algumas penas por culpas no decurso de sua vida terrena. Por isso, temos para com eles um dever de piedade, caridade e até de justiça.

Além disso, sabemos também que, cumprindo esse dever, nós mesmos somos beneficiados, pois com essa obra de caridade com que pagamos as suas dívidas com a justiça divina, cobrimos a multidão dos nossos pecados (cf. 1Pd 4,8), tornando benévolo para conosco o nosso Soberano Juiz. Dir-se-ia que, com isso, cumprimos e nos aplicamos as palavras do salmista: "Feliz daquele que cuida do necessitado e do pobre, porque no dia da desgraça, o Senhor o salvará" (Sl 40,2).

Excitemos o nosso fervor ao recitar hoje o Ofício litúrgico pelos nossos Defuntos, pensando que, enquanto invocamos a divina piedade para com eles, louvamos do mesmo modo a imensa caridade de Deus que, através de nós, dispensa o Seu favor e demonstra o Seu amor de Pai para com aqueles filhos que nada podem fazer já para ajudar-se a si mesmos.

Sim, pela morte terrena, os defuntos deixam de pertencer aqui ao estado dos *viandantes*; contudo, não deixam de pertencer à *comunhão* do Místico Corpo de Cristo, mas ficam consolidados nele, seja no Purgatório ou no Céu. Assim, os santos do Céu, as almas do Purgatório e os peregrinos na Terra, todos estamos unidos no mesmo amor e no mesmo Espírito que vivifica o Corpo todo da Igreja, unindo-o e fazendo-o viver no amor e louvor a Deus (cf. LG.7-49).



Oração:

**Senhor, que perdoais os pecados e
quereis a salvação de todos os
homens: por intercessão da
Virgem Maria e de todos os
Santos, dai aos Irmãos e Irmãs da
nossa Ordem que já partiram
deste mundo a alegria da bem-
aventurança eterna.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.**

15 de novembro

DEDICAÇÃO DA PRÓPRIA IGREJA

ANIVERSARIO

12 Leituras.

A festa da dedicação da igreja de uma Comunidade é causa de grande alegria, não pela beleza arquitetônica que ela possa apresentar, mas por ser sinal do templo santo que supõe a Comunidade mesma que a forma.

De fato, uma Comunidade está formada por um conjunto de pedras vivas (cf. 1Pd 2,5), unidas e edificadas sobre a Pedra angular – que é Cristo – e a doutrina de seus Apóstolos (cf. Ef 2,20), constituída assim parte do seu *Corpo Místico*, o qual se faz presente aqui e agora. Um conjunto de irmãos que bebem todos de um mesmo Espírito (cf. 1Cor 12,13) e que, por Ele, se oferecem ao Pai, por Jesus Cristo (cf. Hb 9,14), em torno do seu altar. Daí que nesta festa nossa Comunidade louva a Deus pelo dom inigualável de sua pertença à Santa Mãe Igreja.

Em nossa Cartuxa, a data de hoje comemora a dedicação do altar-mor, pois, segundo o Pontifical Romano, o altar – que representa Cristo – é o elemento essencial da dedicação de toda igreja, pois, como diz o Senhor, é “o altar que santifica a oferenda” (Mt 23,19). Assim se fez porque, naquela época, pensava-se na possibilidade de construir outra capela.¹² Sua

¹² Normalmente comemora-se a dedicação de todo o recinto de uma igreja. Nossa comunidade, antes de decidir celebrar a dedicação de sua igreja, tomando como base a data da sagração do seu altar – pois para dedicar-se toda a capela precisaria sagrar-se um novo altar –, preferiu, no Capítulo da comunidade de 7 de fevereiro de 2016, manter o atual. Para tanto, por meio do Procurador Geral, Dom Jacques Dupont, foi consultado o liturgista da Santa Sé que então nos assessorava, respondendo: “Quanto à consulta, é verdade que podemos considerar dedicar uma igreja com o altar consagrado.

dedicação foi solenemente oficiada aos 15 de novembro de 1993 pelo Sr. Arcebispo, Dom Álfio Rapisarda, sendo então Núncio de São João Paulo II no Brasil. O fez na presença do Bispo Local, Dom Ivo Lorchester, pai espiritual desta primeira fundação cartusiana na América do Sul.

Para comemorar dignamente este aniversário, nada melhor que meditar as palavras que Mons. Rapisarda pronunciou naquela ocasião. Diz assim:

Com sentimentos de íntima satisfação aceitei o gentil convite para presidir esta cerimônia litúrgica da consagração do altar que, aqui nesta casa monástica, mais do que em qualquer outra igreja destinada ao culto, adquire um significado particular e uma dimensão transcendental.

Com efeito, o que chama a nossa atenção e motiva este nosso encontro de oração, é o altar desta igreja monástica que vamos consagrar, para que se torne o símbolo de Cristo, a mesa do seu sacrifício e do nosso banquete, no qual Ele se faz presente, realizando para nós aquilo mesmo que Ele fez e entregou aos discípulos para que o fizessem em sua memória.

O altar é, portanto, por sua natureza, a mesa apropriada onde o sacrifício da cruz se perpetua pelos séculos, até que Cristo venha; é a mesa onde os filhos e filhas da Igreja se congregam para dar graças a Deus e receber o Corpo e o Sangue de Cristo.

Mais que "centro das ações de graças oferecidas pela Eucaristia" (Missal Romano), para o qual de algum modo todos os

E podemos comemorar esta data como o dia da dedicação desta igreja”, acrescentado que teria sido melhor haver dedicado não só o altar .

Levada a questão ao R. P. Dom Dysmas de Lassus, explicando-lhe as circunstâncias já aludidas, foi concedida sua licença no dia 17 de fevereiro do mesmo ano, com estas palavras: “Se a situação for como você a descreve, está tudo bem que vocês mantenham seu altar e que celebrem a festa da dedicação no dia da consagração do altar”.

outros ritos da Igreja convergem, o altar é o sinal do próprio Cristo; daí a afirmação de que "o altar é Cristo"; daí, portanto, que não é concebível uma igreja, um templo cristão sem o altar.

O altar, para o qual converge a atenção da assembleia, lembra-nos o Cristo; ele nos propicia um encontro e uma proximidade com Cristo, para que, imbuídos pelo seu Espírito, crescamos no seu amor como irmãos, junto dele. E é por isso que o mesmo Senhor nos admoesta que não podemos oferecer a Ele a nossa oferta no altar se temos algo contra algum de nossos irmãos: "...se você for até o altar para levar a sua oferta, e aí se lembrar de que o seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão; depois, volte para apresentar a oferta" (Mt 5,23-24).

O altar, que hoje consagramos, tem a peculiaridade de pertencer ao templo da comunidade religiosa do Mosteiro Nossa Senhora Medianeira. A sua consagração representa quase como uma solene e pública afirmação da natureza e da identidade própria do carisma dos Filhos de São Bruno, cujo ideal monástico é a imolação mística através da profissão religiosa praticada e vivida constantemente na solidão, na oração, na contemplação, na intercessão.

Esta cerimônia constitui também como que uma solene confirmação da presença cartusiana na diocese de Santa Maria; uma presença iniciada há 9 anos, atendendo ao apelo do zeloso Pastor diocesano, junto com os Bispos do Rio Grande do Sul, consciente da importância da vida contemplativa que faz parte da plenitude e da natureza da Igreja mesma (Ad Gentes,18).

Não preciso dizer a vocês, queridos irmãos da benemérita Ordem Cartusiana, a importância que a Igreja atribui à vida e à missão de vocês; importância que o Santo Padre João Paulo II, por ocasião da sua peregrinação, em outubro de 1984, ao túmulo do Fundador, na Serra São Bruno, ressaltava com

expressivas palavras: "A específica vocação de vocês não os coloca à margem da Igreja; ela bem os insere no coração dela mesma... Deste mosteiro prosseguia o Vigário de Cristo - vocês são chamados a ser lâmpadas que iluminam a vida pela qual caminham tantos irmãos e irmãs espalhadas pelo mundo" (*Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VII, 2, pág. 765 e 767).

Em outra ocasião, aqui no Brasil, o mesmo Santo Padre, repetia: "A vida de vocês não se confina dentro de quatro paredes do mosteiro, mas diz respeito à grande história dos homens, onde se constrói a justiça, onde se criam comunhão e participação, onde se procura instaurar a civilização do Amor, onde enfim há de chegar, com a boa nova do Evangelho, a salvação que vem de Deus. Por isso, a vida contemplativa é absolutamente vital para a Igreja e para a humanidade" (03.07.80).

Sei do compromisso e empenho de vocês em cumprir fielmente com esta vocação e missão e os felicito cordialmente, pois vocês representam e atuam de maneira eminente a dimensão contemplativa da Igreja, como serviço especial à mesma.

*Esta dimensão originária da vida religiosa em geral foi sublinhada pelo Concílio Vaticano II, que recomenda aos religiosos e religiosas a primazia da vida espiritual, o espírito de oração, o amor ao próximo para a salvação e a edificação da Igreja, foi reafirmada pelo Papa Paulo VI na sua exortação sobre a renovação da vida religiosa (*Evangélica Testificatio*), evidenciada constantemente pelo Papa João Paulo II e esclarecida pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, no documento sobre a "Dimensão contemplativa da vida religiosa".*

Ao alegrar-me com vocês, queridos irmãos deste mosteiro, e com o Excelentíssimo Dom Ivo – que, com acertado intuito de Pastor geriu e conseguiu a fundação desta comunidade

contemplativa –, quero fazer-me intérprete da grande afeição que o Santo Padre cultiva e manifesta pelas almas que vivem no recolhimento e na clausura a própria vida religiosa, em uma constante atitude de oferta e de oblação a Deus, através do seguimento do seu Filho, para a salvação do mundo.

Os Bispos da América Latina proclamam, na IV Conferência Geral de Santo Domingo, que "pela vivência fiel dos conselhos evangélicos, (os religiosos e as religiosas) participam do mistério e da missão de Cristo, irradiam os valores do Reino, glorificam a Deus, animam a própria comunidade eclesial e interpelam a sociedade" (n.85).

Com o Santo Padre João Paulo II, exorto-os então a viver na alegria a radicalidade da vossa condição absolutamente original: o amor exclusivo do Senhor e, n'Ele, o amor dos irmãos na humanidade.

A minha presença hoje no meio de vocês, como representante do Sucessor de Pedro no Brasil, quer ser, mesmo se modesta, porém sincera, uma manifestação de afetuosa estima pela benemérita família monástica de vocês, caríssimos Irmãos, que sempre tem-se distinguido, entre outras coisas, pela sua adesão à Sé Apostólica.

A minha presença quer ser também um estímulo a perseverar fiéis na identidade de contemplativos, para que este mosteiro seja como a evangélica luz, colocada sobre o candelabro, e que brilhe diante dos homens, para que vejam as boas obras da vida de vocês e glorifiquem o Pai que está nos céus (Mt 5,15).

Ela significa, finalmente e sobretudo, o agradecimento da Igreja de Santa Maria, do estado do Rio Grande do Sul, e de todo o Brasil pela valiosa presença dos monges cartuxos. É uma sensível manifestação, como testemunha a participação do estimado Bispo diocesano e de elementos do clero diocesano e religioso, de amizade e de solidariedade da comunidade

diocesana com esta morada de solidão e de silêncio, de recolhimento e de oração, de contemplação e de busca de Deus em nome da humanidade, para bradar silenciosamente, desde o claustro, a imperiosa necessidade da presença de Deus e do seu amor na sociedade humana, para que esta seja verdadeiramente a família de Deus.

Como auspiciava o Prior do mosteiro, no seu discurso da inauguração desta comunidade, no dia 21 de novembro de 1984, rezemos, hoje, com vocês ao Senhor e à sua Divina Mãe, Nossa Senhora Medianeira, para que este mosteiro lembre "que Deus existe, Deus ama, Deus é a fonte da verdadeira paz", confiantes de que vocês não se desinteressam dos problemas que atormentam a humanidade, mas que antes os levam em seu coração e que em sua oração, e no cenário agitado da história, acompanham todos os irmãos e as irmãs da humanidade, na caridade de Cristo (Discurso do Prior, 21-11-1984).

A vocês, queridos irmãos em Cristo, que nos acompanham nesta significativa celebração litúrgica, quero dizer da importância da presença desta comunidade monástica no meio de vocês.

Esta casa, feita de solidão e de silêncio, de austeridade e de penitência, de oração e de contemplação é um sinal da presença mesma de Deus, um chamamento constante para Deus e para os compromissos que assumimos com Deus e como cristãos, como discípulos do Senhor Jesus.

Este mosteiro pertence a vocês, interpela e desafia a todos: ele proclama ao mundo, aos homens e às mulheres de hoje, que Deus é o Bem supremo do homem: o bem que temos que perseguir com constância, com fidelidade e até com coragem. Deus é "Aquele que só é bom", como nos repete o Papa João Paulo II na sua Encíclica "Veritatis Splendor", a tal ponto que, almas generosas e completamente disponíveis, não se contentam

Santos Cartusianos

somente em cumprir os mandamentos do Senhor, mas, deixando tudo o que possuíam, vão e seguem o Senhor (Mt 19,21) como único ideal e tesouro da própria vida.

Que este mosteiro de almas consagradas, que por amor a Deus deixaram tudo o que possuíam, sem, porém, abandonar o mundo, mas o acompanham com a oração e o sacrifício, seja um estímulo para viver fielmente e coerentemente a própria vocação cristã, tendo como ideal da vida, e acima dos problemas de cada dia, o mesmo Deus.

Beneficiários da presença orante da comunidade cartusiana, vocês devem corresponder com a fidelidade de cristãos ao Senhor para que "o Deus da esperança encha vocês de completa alegria e paz na fé, para que vocês transbordem de esperança, pela força do Espírito Santo" (Rm 15,13)."



Oração:

**Deus, que todos os anos renovais o dia em que este santo templo Vos foi consagrado e nos concedeis a graça de participar de novo nos vossos santos mistérios, ouvi as preces de vosso povo, e fazei que quantos aqui entrarem a pedir os vossos benefícios, se vão alegres de os ter alcançado.
Por Jesus Cristo Nosso Senhor.**

17 de novembro

SANTO HUGO DE LINCÓLNIA

Monge e Pastor

12 Leituras.

A vida deste Santo cartuxo é perfeitamente conhecida graças à biografia que o seu último capelão e confidente escreveu, com tanta fidelidade quanto profusão de notícias. Limitar-nos-emos aqui aos dados mais importantes.

Nasceu no castelo de Avalon, na França, entre os limites do Delfinado e da Saboia, pelos anos de 1140. Morta a sua mãe quando Hugo contava apenas 8 anos, o pai ingressou com o jovem num mosteiro de Cônegos Regulares, em Villard-Benito. Aos 15 anos de idade, emitiu os votos religiosos e, aos 19, foi ordenado de diácono, recebendo logo o cargo de "pregador" da Comunidade e do povo.

Visitando certa vez a Grande Chartreuse em companhia de seu Superior, compreendeu que a sua vida era precisamente a que tinha visto na Cartuxa, para cujo retiro, solidão e silêncio sentia grandes atrativos. Perante a sua decisão, o Prior ficou consternado pela perda que isso supunha para o seu Convento; daí que pedisse a Hugo, sob juramento, não o abandonar. Hugo aceitou, ante as lágrimas do seu Superior. Contudo, os remorsos de consciência e a chamada insistente de Deus fizeram com que realizasse a sua vocação cartusiana.

Em 1163, recebeu o hábito cartusiano das mãos do Rev. Pe. Dom Basílio († 1179), iniciando o seu noviciado e também um período de grandes provações de toda a espécie, com as quais o demônio queria afastá-lo do seu santo propósito. Mas com a ajuda da graça do Senhor, saiu vitorioso e pôde fazer a sua profissão.

Foi ordenado sacerdote aos 30 anos e, na véspera desse acontecimento, um ancião monge a quem Hugo cuidava profetizou-lhe que Deus o tinha destinado para ser Bispo.

Em 1173, foi nomeado Procurador, a fim de suprir nesse ofício ao Guigo II († 1180), eleito Rev. Padre em lugar de Dom Basílio. Santo Hugo desempenhou esse cargo durante sete anos. Por ter tido esse cargo, é o padroeiro dos nossos Procuradores.

Decorridos esses sete anos, uma embaixada de nobres ingleses enviado pelo rei Henrique II suplicava ao Reverendo Padre que enviasse Hugo como Prior da Cartuxa de Witam, fundada pelo próprio rei. Nosso Hugo aceitou por obediência esse cargo. Na Inglaterra foi recebido pelo rei como "um anjo" e tomou-o como conselheiro e confidente.

Seis anos depois, foi escolhido para bispo de Lincólnia e recebeu a consagração episcopal no dia 21 de setembro de 1185, quando contava 45 anos de idade. Por essa ocasião, recebeu também o título de "Barão da Inglaterra".

Foi um bispo santo e grande em todos os sentidos, razão pela qual todos os escritores ingleses, mesmo protestantes e anglicanos, escrevem dele grandes elogios.

Junto com a sua atividade pastoral, levou a cabo importantes missões de paz nos reinados de Henrique II, Ricardo Coração de Leão e de João-sem-terra. Foi ele também um dos autores da paz de Andelys, entre Inglaterra e França.

O mais importante, porém, é que em toda a sua vida episcopal não deixou de viver como um cartuxo, na medida em que se lho permitiam as suas tarefas pastorais. Vestiu o hábito cartusiano até o dia da sua morte. A fortaleza das suas virtudes e a santidade da sua vida, reconhecida por todos e premiada por Deus com evidentes milagres, fizeram-no

também forte perante os três reis que reinaram durante o seu pontificado, fazendo cumprir sempre e antes de tudo as leis divinas: foi por isso que se lhe deu o nome de "martelo dos reis".

Fez levantar a maravilhosa catedral de Lincólnia, em honra de Nossa Senhora, que ainda persiste, embora a imagem da Senhora fosse tirada pelos anglicanos. A sua santa vida foi coroada com uma morte também santa. Recebidos todos os Santos Sacramentos, morreu no dia 17 de novembro de 1200, quando contava 60 anos de idade. Foi canonizado por Honório III em 17 de fevereiro de 1220.

Na Bula da canonização, adverte-se este dado interessante: sendo o Santo monge cartuxo e o Papa Honório grande amigo dos cartuxos, não faz menção nenhuma da Ordem Cartusiana. E a razão é a seguinte: conhecendo bem o papa o grande amor que os nossos pais fundadores tinham pela vida simples e humilde, recolhida e oculta às vistas dos homens, quis respeitar esse amor e tradição cartusiana na canonização do primeiro santo cartuxo que recebia as honras dos altares, não mencionando a sua família religiosa, visto ter esta como norma: "*Sanctos facere, sed non patesfacere* - Fazer santos, mas não mostrá-los".¹³

Pelo fato de ser Santo Hugo o primeiro santo cartuxo canonizado, foi escolhido como o "Patrono" da nossa Ordem, até o dia em que foi canonizado também N. P. S. Bruno.

Em 1280, o seu corpo conservava-se ainda intacto e incorrupto, assim como o hábito cartusiano com que foi

¹³ Palavras utilizadas pelo Papa Bento XIV na bula de beatificação do Bem-aventurado Nicolau de Albergati, aos 6 de outubro de 1744.

inunado 80 anos antes. Graças a este fato, conservou-se a cogula do santo e sabemos ao certo como era o hábito dos primeiros cartuxos.

As relíquias, com a cabeça colocada noutra relicário, foram depositadas na catedral de Lincólnia. Em 1364 o relicário que continha a cabeça foi roubado, mas afortunadamente encontrou-se a cabeça. Enfim, durante o reinado do tristemente famoso Henrique VIII, todas as relíquias foram confiscadas e desapareceram. Somente se conserva na Grande Cartuxa um pequeno osso e uma estola do Santo.

O culto de Santo Hugo passou, na Ordem, pelo seguinte processo: começou com festa de 3 leituras; em 1258, foi elevada a 12 leituras; em 1333, se converte em festa de Capítulo para a Grande Cartuxa, casa da sua profissão; enfim, em 1340, foi declarada solenidade para toda a Ordem. No Calendário Cartusiano aprovado pela Santa Sé em 2019, sua festa ficou com rito de 12 leituras, sendo-lhe concedido à Cartuxa de Parkminster fazê-lo como solenidade.

O principal da vida deste santo é a lição que nos deixou com seu modo de ser e exemplos. Se não podemos imitá-lo como bispo, sempre podemos e devemos imitá-lo como cartuxo. Como ficou dito, alma eminentemente contemplativa soube viver para Deus e praticar todas as virtudes no cumprimento das obrigações que lhe impuseram os Superiores na vida simples e oculta do claustro. Foi aí que Deus preparou o seu espírito para a missão que depois lhe deu na Sua Igreja.

Nas orações da Missa, pedimos a Deus que nos conceda sermos estimulados pelos seus exemplos e animados pelas suas virtudes (*Coleta*), conservando sempre a imagem divina pela observância de Seus mandamentos (*pós-comunhão*).

Santos Cartusianos

Na sua vida, deixou-nos esta breve fórmula de santidade claustral, que nada perdeu com o tempo: "Manter sempre a caridade no coração, a verdade na boca e a castidade no corpo". Ao seu capelão, atemorizado com o além-morte, dava este conselho: 'Vivei santamente e abandonai em Deus o cuidado do que virá depois da vossa morte'. Que este santo cartuxo nos ajude a vivermos santamente a nossa comum vocação cartusiana, para louvor da glória de Deus!

Oração:

**Ó Deus, que cumulares de méritos eminentes e do dom dos milagres o nosso irmão Santo Hugo, bispo de Lincólnia, concedei-nos, em vossa bondade, que sejamos estimulados pelos seus exemplos e esclarecidos pelas suas virtudes.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor.**



Santo Hugo, junto de São Bruno,
protegendo aos Cartuxos ao pé da Cruz.
Pintura anônima de 1616.
Grande Cartuxa.

25 de novembro

BEATA BEATRIZ DE ORNACIEUX

Virgem e Monja.

3 Leituras.

Esta virgem cartusiana nasceu pelos meados do s. XIII no solar familiar dos Ornacieux. Os dados biográficos nos vêm duma "Vida" escrita pela Mestra de Noviças da venerada desde tempo imemorial, Margarida de Oyngt, falecida em 1311. Podemos resumi-los deste modo:

Quando contava ainda 13 anos, renunciou a todas as grandezas e vaidades da sua família para ingressar na Cartuxa de "Monte de Santa Maria", distante 25 quilômetros da sua casa paterna, chamada também de Permenie. Entregue ao santo fervor sob a direção da sua Mestra e vivendo sempre na santa humildade, recebeu do Senhor inúmeras graças e favores que a faziam crescer mais e mais no divino amor. Este amor a levava para uma vida de rigorosa penitência, para mais se conformar com o seu Esposo crucificado, a cuja Paixão tinha grande devoção. O Senhor concedeu-lhe a graça dos estigmas nas mãos, mas, passada a dor, fechavam-se as feridas sem deixar nenhum sinal das mesmas.

Foi muito tentada pelo inimigo, mas a Santíssima Virgem declarou-se a sua Defensora: "Eu serei, diz-lhe, quem cuidará de ti e da tua salvação, e conservar-te-ei imune de todo o ataque do inimigo". E, desde que ouviu isso, jamais voltou a ser tentada pelo diabo contra a castidade.

Em meios dos consolos do céu, das provações e penitências que se impunha para se configurar ao seu Esposo Jesus, foi crescendo em piedade perante Deus e os homens.

Em 1300, visto que a Comunidade tinha crescido muito, a Ordem resolveu fazer uma nova fundação em Eymeux, num antigo mosteiro beneditino. O lugar, o clima e as circunstâncias fizeram com que a nova fundação fosse muito dura e vivida em suma pobreza. À frente do grupo fundador foi Beatriz, como Priora. Porém, não viveu muito no seu novo destino, pois aos 25 de novembro do ano 1303 Jesus Cristo, o seu amado esposo, levou-a para o Céu.

Seu corpo foi inumado no cemitério da nova fundação de Eymeux e ali ficaram, mesmo quando, poucos anos depois, a recente fundação teve de se desfazer e as monjas voltaram para o seu primeiro convento de Parmenie.

No entanto, os favores e sinais que Deus outorgava no sepulcro da Beata fizeram com que a sua antiga comunidade levasse as relíquias do seu corpo para o Convento de Parmenie. Nesse lugar permaneceram durante vários séculos, mesmo quando o convento e as suas dependências ficaram em ruínas por causa dos albigenses.

Em 1646, uma humilde pastorinha, com a ajuda dos fiéis e de um piedoso sacerdote, restaurou a igreja do convento e fez construir algumas moradas. Foi também ela que descobriu o lugar onde estavam as relíquias da Beata, juntamente com as de mais duas outras monjas suas contemporâneas, mortas em odor de santidade: Luísa Allemam e Margarida Sassenague. Em 1674, foi benta a igreja e dedicada novamente ao culto de Deus. As relíquias ficaram num nicho ao lado do evangelho. Logo, se converteu em lugar de peregrinação popular.

Quando da Revolução Francesa, embora a igreja fosse expropriada pelo Governo e vendidos o seu interior, as relíquias ficaram intactas. Em 1828, o bispo de Grenoble comprou novamente a igreja e em 1839 entregou-a a Diocese.

Em 1840, ele mesmo mandou examinar o nicho em que estavam as relíquias e tudo estava intacto. Partes das relíquias foram enviadas à Cartuxa de Beauregard.

Com data de 20 de março de 1869, a Sagrada Congregação de Ritos permitiu oficialmente o título de Bem-aventurada, que a nossa Beatriz gozava desde tempo imemorial. Pio IX aprovou dito Decreto e, em 13 de maio, concedeu à Ordem poder celebrar a sua festa anualmente no dia 13 de fevereiro.

Poucos anos antes, os Beneditinos Olivetanos fundaram um mosteiro sobre o antigo Convento de Parmenie. Em 1897, foi inaugurada uma Capela em honra da Beata, pedida pelos fiéis de Eymeux, onde se colocaram também algumas relíquias da mesma. Em 1880, os monges olivetanos são expulsos de Parmenie, ficando abandonadas em seu sepulcro as relíquias da Beata. Em 1927, um monge olivetano compra Parmenie e fica como proprietário da Igreja e das santas relíquias. Ao cabo de 10 anos deve abandonar tudo e leva consigo as relíquias, que mais tarde entregará à Ordem Cartusiana. Durante a II Guerra mundial, as Forças de ocupação dinamitaram todos os edifícios de Parmenie, ficando muito arruinada a igreja da Beata.

A partir de 1957, começa uma nova etapa na igreja de Parmenie e de devoção à Beata, graças à devoção dum Irmão das Escolas Cristãs, chamado Albert, que se propôs a restaurá-la, com a licença dos seus superiores. A Grande Cartuxa entregou-lhe as relíquias da Beata e, em 25 de novembro de 1969, foram transportadas em solene procissão ao seu novo altar. Era o Centenário da Beatificação de Beatriz.

Atualmente, Parmenie é um centro de irradiação espiritual e peregrinações. Assim, através dessas múltiplas vicissitudes,

que a Divina Providência fez com que o culto e a devoção da Beata Beatriz se mantivessem vivo nos nossos dias.

Na nossa Ordem, por ocasião da renovação do Calendário exigida pelo Vaticano II, a festa da Beata foi trasladada para o dia 25 de novembro, dia do seu nascimento para o Céu, em lugar de 13 de fevereiro. Desse modo, a festa fica assegurada na sua celebração, coisa que não acontecia na data anterior, por causa da Quaresma.

Entretanto, o mais importante na vida e culto desta nossa Irmã não são os dotes extraordinários e graças especiais com que foi enriquecida por Deus, mas sim as lições que, mesmo hoje, nos transmite: O seu amor a Cristo, e este Crucifixo, à Eucaristia e à Santa Mãe de Deus.

Sim, não devemos esquecer que hoje, como sempre, a Cruz tem o seu perene valor e que continua a ser indispensável para todos os discípulos de Cristo; que a Eucaristia é a fonte e cume de toda a santidade, o pão dos fortes, que nos comunicará as forças para levar a bom termo o sacrifício de nós mesmos, a cruz da nossa vida, onde devemos imolar-nos com Aquele que foi e é a nossa vítima para a salvação do mundo; enfim, a presença de Maria deve estar tão presente na nossa vida como esteve na de nossa Beata. Podemos tomar como ditas para nós as palavras de Nossa Senhora: "Eu cuidarei de ti e da tua salvação". E que não poderemos com o auxílio de tão providente Mãe?

As orações da Missa, focando a vida e os exemplos da Beata Beatriz, fazem-nos impetrar estas graças para a nossa vida cartusiana: participarmos dos sofrimentos do Filho de Deus, na terra, para merecermos alcançar a glória no Céu (*Coleta*); vermo-nos livres do homem velho, para recomeçarmos uma vida nova em contínuo progresso

espiritual (*Sobre as oferendas*); que a Eucaristia nos afaste das coisas efêmeras, para crescermos em caridade sincera e gozarmos a visão de Deus na vida eterna (*Pós-comunhão*).

Encerremos a nossa reflexão com estas palavras que Nossa Senhora lhe dirigiu em certa ocasião, na qual se via muito tentada pelo demônio: "Coragem, minha querida filha, foi grato aos olhos do meu Filho que fosses tentada pelo demônio durante tanto tempo, para que obtivesses assim uma maior vitória, mas agora recebe o galardão dos teus trabalhos e goza plenamente do teu triunfo. Deixa já todo o temor e coloca em mim todo o cuidado de ti e da tua salvação".¹⁴

Oração:

**Ó Deus, que fizestes da Bem-aventurada virgem Beatriz uma vítima de amor pela imitação da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, concedei-nos, por sua intercessão e exemplo, a graça de participar dos sofrimentos de vosso Filho aqui na terra, para merecermos alcançar a glória eterna no Céu.
Por JC. N. S.**

Beata Beatriz de Ornacieux,
por Mignard (1612-95), antiga
Cartuxa de Parmenia.



¹⁴ Cf. *Biografias Selectas Cartujanas*, p. 170 ss. *Anais*, V.5-13; *Efemer*.IV. 4-19; *Coment. Montalegre*, p.143.

APÊNDICE

11 de fevereiro

SANTA MARGARIDA DE OINGT

No dia 3 de novembro de 2010, o Papa Bento XVI, dentro de uma série de suas catequeses das quartas-feiras, dedicou algumas às figuras femininas mais importantes da vida espiritual da Igreja; uma delas foi dedicada a uma à monja cartuxa: Margarida do Oingt. No final da mesma a chamou: “Santa Margherita”.

Acreditamos que, até agora, esse seja o testemunho mais forte do *culto imemorial* mais importante que temos de Margarida.

A fama de santidade de Margarida vem de longa data, de modo que a Diocese de Grenoble e a Ordem Cartusiana elevaram um pedido à Santa Sé para confirmar seu *culto imemorial* no ano de 1840, mas a *Congregação para os Santos* ainda não se pronunciou. Por isso, a alusão feita por Bento XVI à dita santidade converte-se numa testemunha dum valor singular.

A seguir, colocamos, na íntegra, o texto da catequese aludida onde o Papa faz uma síntese de sua vida e obras.

Eis o texto de Bento XVI:

Queridos irmãos e irmãs,

Com Margarida de Oingt, de quem gostaria de vos falar hoje, somos introduzidos na espiritualidade cartuxa, que se inspira na síntese evangélica vivida e proposta por São Bruno. Não sabemos a data do seu nascimento, embora alguns afirmem que ocorreu por volta de 1240. Margarida provém de uma família poderosa de antiga nobreza da região de Lião, os Oingt. Sabemos que também a mãe se chamava Margarida, e que tinha dois irmãos — Guiscardo e Luís — e três irmãs: Catarina, Isabel e Inês. Esta última seguiu-la-á no mosteiro, na Cartuxa, sucedendo-lhe em seguida como priora.

Não dispomos de notícias acerca da sua infância, mas dos seus escritos podemos intuir que a transcorreu tranquilamente, num ambiente familiar carinhoso. Com efeito, para manifestar o amor ilimitado de Deus, ela valoriza muito as imagens ligadas à família, com referência particular às figuras do pai e da mãe. Numa das suas meditações, ela reza assim: «Bom e dócil Senhor, quando penso nas graças especiais que me concedeste pela tua solicitude: em primeiro lugar, como me conservaste desde a minha infância, e como me subtraíste do perigo deste mundo e me chamaste para que eu me dedicasse ao teu santo serviço, e como me ofereceste tudo o que me era necessário para comer, beber, vestir e calçar (e fizeste-o), de tal modo que eu não tive necessidade de pensar em tudo isto, a não ser na tua grande misericórdia» (Margarida de Oingt, Scritti spirituali, Meditação V, 100, Cinisello Balsamo 1997, pág. 74).

Das suas meditações intuímos também que entrou na Cartuxa de Poleteins em resposta à chamada do Senhor, deixando tudo e aceitando a severa regra dos cartuxos, para ser totalmente do Senhor, para estar sempre com Ele. Ela escreve: «Dócil Senhor, deixei meu pai, minha mãe, meus irmãos e todas as coisas deste mundo por amor a ti; mas isto é pouquíssimo, porque as riquezas deste mundo mais não são que espinhos pungentes; e quem mais as possui, mais é desafortunado. E por isso tenho a impressão que só deixei miséria e pobreza; mas Tu sabes, dócil Senhor, que se eu possuísse mil mundos e pudesse dispor deles a meu bel-prazer, abandonaria tudo por amor a ti; e ainda que Tu me concedesses tudo quanto possuis no céu e na terra, eu não me sentiria satisfeita, enquanto não te tivesse a Ti, porque Tu és a vida da minha alma, e não tenho, nem quero, ter um pai nem uma mãe fora de ti» (Ibid., Meditação II, 32, pág. 59).

Também da sua vida na Cartuxa possuímos poucos dados. Sabemos que em 1288 se tornou a sua quarta priora, cargo que

*desempenhou até à morte, ocorrida a 11 de fevereiro de 1310. De qualquer maneira, dos seus escritos não sobressaem mudanças particulares no seu itinerário espiritual. Ela concebe toda a sua vida como um caminho de purificação, até à plena configuração com Cristo. Cristo é o Livro que deve ser escrito, gravado quotidianamente no próprio coração e na própria vida, de modo especial a sua Paixão salvífica. Na obra *Speculum Margarida*, referindo-se a si mesma na terceira pessoa, sublinha que pela graça do Senhor «tinha gravado no seu coração a santa vida que Deus, Jesus Cristo, levou na terra, os seus bons exemplos e a sua boa doutrina. Ela tinha inserido tão bem o dócil Jesus Cristo no seu coração, que até lhe parecia que Ele estava presente e segurasse um livro fechado na sua mão, para a instruir» (Ibid., I, 2-3, pág. 81). «Neste livro ela encontrava inscrita a vida que Jesus Cristo levou na terra, desde o seu nascimento até à sua elevação ao Céu» (Ibid., I, 12, pág. 83).*

Diariamente, desde a manhã, Margarida aplica-se ao estudo deste livro. E, depois de o observar atentamente, começa a ler no livro da sua consciência, que revela as falsidades e as mentiras da sua vida (cf. ibid., I, 6-7, pág. 82); escreve de si mesma para beneficiar os outros e para fixar mais profundamente no próprio coração a graça da presença de Deus, ou seja, para fazer com que todos os dias a sua existência seja marcada pelo confronto com as palavras e as obras de Jesus, com o Livro da sua vida. E isto para que a vida de Cristo seja impressa na alma de modo estável e profundo, a ponto de poder ver o Livro no seu interior, ou seja, até contemplar o mistério de Deus Trindade (cf. Ibid., II, 14-22; III, 23-40, págs. 84-90).

Através dos seus escritos, Margarida oferece-nos alguns indícios sobre a sua espiritualidade, permitindo-nos compreender algumas características da sua personalidade e dos seus dotes de governo. É uma mulher muito culta; escreve

habitualmente em latim, a língua dos eruditos, mas escreve inclusive em franco provençal, e também esta é uma raridade: assim os seus escritos são os primeiros, dos quais se conserva a memória, redigidos nesta língua. Ela vive uma existência rica de experiências místicas, descritas com simplicidade, deixando intuir o mistério inefável de Deus, sublinhando os limites da mente na sua compreensão e na inadequação da língua humana para o manifestar. Ela tem uma personalidade linear, simples, aberta, de dócil carga afetiva, de grande equilíbrio e de discernimento perspicaz, capaz de penetrar nas profundidades do espírito humano, de compreender os seus limites, as suas ambiguidades, mas também as suas aspirações e a tensão da alma para Deus. Demonstra uma acentuada disposição para o governo, unindo a sua profunda vida espiritual e mística, com o serviço às irmãs e à comunidade. Neste sentido, é significativo um trecho de uma carta escrita a seu pai: «Meu dócil pai, comunico-lhe que me encontro muito ocupada por causa das necessidades da nossa casa, que não me é possível aplicar o espírito em bons pensamentos; com efeito, tenho tantas coisas para fazer que não sei por onde começar. Não recolhemos o trigo no sétimo mês do ano, e os nossos vinhedos foram destruídos pela tempestade. Além disso, a nossa igreja encontra-se em condições tão precárias, que somos obrigadas a reconstruí-la parcialmente» (Ibid., Cartas, III, 14, pág. 127).

Uma monja cartuxa delineia assim a figura de Margarida: «Através da sua obra, revela-nos uma personalidade fascinante, uma inteligência viva, orientada para a especulação e, ao mesmo tempo, favorecida por graças místicas, em síntese, uma mulher santa e sábia que sabe expressar com um certo humorismo uma afetividade inteiramente espiritual» (Una Monaca Certosina, Certosine, em Dizionario degli Istituti di Perfezione, Roma 1975, col. 777). No dinamismo da vida mística, Margarida valoriza a

experiência dos afetos naturais, purificados pela graça, como meio privilegiado para compreender mais profundamente e favorecer a ação divina com mais prontidão e ardor. O motivo reside no fato de que a pessoa humana é criada à imagem de Deus, e por isso é chamada a construir com Deus uma maravilhosa história de amor, deixando-se envolver totalmente pela sua iniciativa.

O Deus Trindade, o Deus amor que se revela em Cristo fascina-a, e Margarida vive uma relação de amor profunda pelo Senhor e, em contrapartida, vê a ingratidão humana até à pusilanimidade, até ao paradoxo da cruz. Ela afirma que a cruz de Cristo é semelhante ao leito do parto. A dor de Jesus na cruz é comparada com a de uma mãe. Ela escreve: «A mãe que me trouxe no ventre sofreu enormemente ao dar-me à luz, por um dia ou por uma noite, mas Tu, bom e dócil Senhor, por mim foste atormentado não apenas por uma noite ou por um dia, mas por mais de trinta anos (...) como padeceste amargamente por causa de mim, durante toda a tua vida! E quando chegou o momento do parto, o seu sofrimento foi tão doloroso que o teu santo suor se transformou como que em gotas de sangue que desciam por todo o teu corpo até ao chão» (Ibid., Meditação I, 33, pág. 59).

Evocando as narrações da Paixão de Jesus, Margarida contempla estas dores com profunda compaixão: «Tu foste depositado no duro leito da cruz, de tal modo que não te podias mover, nem virar ou agitar os teus membros, como costuma fazer um homem que padece uma grande dor, porque foste completamente estendido e te foram cravados os pregos (...) e (...) foram dilacerados todos os teus músculos e as tuas veias (...) Mas todas estas dores (...) ainda não te bastavam, e por isso quiseste que o teu lado fosse trespassado pela lança, com tanta crueldade a ponto de fazer com que o teu dócil corpo fosse

totalmente arado e lacerado; e o teu precioso sangue jorrava com tanta violência, que formou um longo percurso, como se fosse um grande regato». *Referindo-se a Maria, ela afirma: «Não surpreende que a espada que trespassou o teu corpo tenha penetrado também o Coração da sua gloriosa Mãe, que tanto amava sustentar-te (...) porque o teu amor foi superior a todos os outros amores» (Ibid., Meditação II, 36-39.42, pág. 60 s.).*

Caros amigos, Margarida de Oingt convida-nos a meditar quotidianamente sobre a vida de dor e de amor de Jesus, e da sua Mãe, Maria. É nisto que consiste a nossa esperança, o sentido da nossa existência. Da contemplação do amor de Cristo por nós brotam a força e a alegria de responder com igual amor, colocando a nossa vida ao serviço de Deus e do próximo. Com Margarida, digamos também nós: «Dócil Senhor, tudo quanto realizaste, por amor a mim e a todo o gênero humano, estimula-me a amar-te, mas a recordação da tua santíssima Paixão infunde um vigor inaudito no meu poder de afeto para te amar. É por isso que me parece (...) que encontrei aquilo que eu tanto desejava: amar unicamente a Ti, ou em Ti ou por amor a ti» (Ibid., Meditação II, 46, pág. 62).

À primeira vista, esta figura de cartuxa medieval, assim como toda a sua vida e o seu pensamento, parece muito distante de nós, da nossa vida e do nosso modo de pensar e de agir. Contudo, se considerarmos o essencial desta vida, vemos que diz respeito também a nós, e deveria tornar-se fundamental inclusive na nossa existência.

Ouvimos que Margarida considerava o Senhor como um livro, fixava o olhar no Senhor, considerava-a como um espelho onde aparece também a própria consciência. E foi deste espelho que a luz entrou na sua alma; deixou entrar a palavra, a vida de Cristo, no seu próprio ser e assim foi transformada; a consciência foi iluminada, encontrou critérios, luz, e foi

Santos Cartusianos

purificada. É precisamente disto que também nós temos necessidade: deixar que as palavras, a vida e a luz de Cristo entrem na nossa consciência, para que ela seja iluminada e compreenda o que é verdadeiro e bom, e o que é mau; que a nossa consciência seja iluminada e purificada. Não há imundície apenas nas diversas estradas do mundo. Há imundície também nas nossas consciências e nas nossas almas. Só a luz do Senhor, a sua força e o seu amor nos limpa, purifica e indica o caminho reto. Portanto, sigamos Santa Margarida neste olhar para Jesus. Leiamos no livro da sua vida, deixemo-nos iluminar e purificar, para aprender a vida autêntica. Obrigado!



Margarida de Oingt, passando os exemplos do livro da vida de Jesus ao livro de sua própria vida.
Pintura do cartuxo português da Cartuxa de Granada,
Frei Francisco Morales (1660-1720).

ÍNDICE

Apresentação.....	3
Beato Airaldo de Maurienne.....	8
Beato Odão de Novara.....	12
Beato Lanuíno.....	15
Santo Hugo de Grenoble.....	20
SS. João, Agostinho, Roberto e companheiros.....	25
Beato Nicolau Albergati.....	29
Beato Guilherme de Fenol.....	32
São João Batista. Nascimento.....	37
Beato João de Espanha.....	43
Beato Bonifácio de Saboia.....	46
Santo Antelmo.....	49
Santa Rosalina.....	52
BB. Cláudio e Lázaro e todos os Mártires da Ordem....	55
Beato Guilherme Horn.....	61
Martírio de são João Batista.....	63
Santo Estevão de Die.....	66
Nosso Pai São Bruno.....	71
Santo Artoldo de Belley.....	81
Todos os Santos da nossa Ordem.....	85
Comemoração de nossos irmãos defuntos.....	88
Dedicação da própria igreja.....	90
Santo Hugo de Lincólnia.....	97
Beata Beatriz de Ornacieux.....	102
Apêndice.	
<i>Santa</i> Margarida de Oingt.....	107

***Laus Deo,
Virginique Matri.***